

BICHO MONSTRO
("HISTÓRIA NATURAL")
roteiro de Germano de Oliveira,
Igor Verde e Marcela Bordin
Versão 2.2 - 07/04/2022

CENA 1 - EXT. VILAREJO 1 - AMANHECER - 2022

O crepúsculo começa a revelar os primeiros raios de Sol,
entrecortados por colinas de tamanhos variados.

O dia mal começou. O pesado som dos animais noturnos ainda se
espalha no ambiente.

Uma pequena e velha Pick-up com baú de carga se desloca devagar
através de uma estrada de terra batida que serpenteia os morros.

O veículo levanta poeira e espalha no ar o som típico do seu motor
à diesel.

Ele aproxima-se de um pequeno vilarejo rural do interior do Rio
Grande do Sul.

Algumas das casas possuem estilo enxaimel, e estão com portas e
janelas ainda fechadas. Elas são pequenas e espaçadas entre si.

A pequena Pick-up diminui ainda mais a marcha. Ela passa por uma
casa ampla e com o terreno vasto, que destoa do restante do
vilarejo.

Impassível e taciturna, a grande casa se ergue com destaque na
paisagem. A Pick-up a deixa para trás.

CENA 2 - EXT. VILAREJO - FRENTE DO GINÁSIO - AMANHECER - 2022

A Pick-up chega em uma parte da estrada um pouco mais larga,
que abriga a igreja e o cemitério.

O veículo embica em um gramado no outro lado da rua, em frente a
um velho ginásio esportivo feito de tijolos à vista.

No alto do portão do ginásio uma faixa anuncia a "78ª Festa do
Colono".

O som do motor cessa com o corte da ignição, e por um tempo nada
acontece.

A espera é interrompida pelo som da grande e pesada porta de ferro
do ginásio, que é aberta por um MORADOR do vilarejo.

De dentro do veículo saem: NENI, 36 anos, delgado e alongado; TERESA, 30 anos, se movendo de forma ágil; e MIRO, 28 anos, atarracado e com cara de sono, que pula da caçamba.

Em silêncio, Neni, Teresa e Miro começam a retirar algumas ferragens de dentro do baú de carga.

O morador do vilarejo se prontifica a ajudar. Ele desaparece na caçamba da Pick-up, e sai dali surpreso, carregando uma grande estrutura peluda, que lembra a asa de um pássaro.

O sol já começa a atingir o ginásio, e as quatro figuras carregam as estruturas de metal para dentro dele.

CENA 3 - INT. GINÁSIO - NOITE - 2022

Em cima do PALCO, Miro está vestido com uma camisa xadrez, calça e botas que vão quase até o joelho. Ele está sentado sobre um pequeno banco de madeira, descascando batatas.

Teresa, sentada no chão, seleciona as batatas. Ela usa um vestido, com alguns rasgos.

O cenário do palco é simples: um pano preto pendurado na parte de trás, algumas batatas jogadas no chão, uma grande lata velha e um espantalho cenográfico em um canto.

As vestimentas e a maneira de falar, com sotaque carregado, remetem aos descendentes de colonos alemães daquela região.

O som de um passarinho ecoa no ambiente. Teresa aponta para frente.

TERESA

Olha papá, um sabiá.

MIRO

Ah, um sabiá! Quando vem um sabiá voando na frente assim da plantação tudo, daí a coisa vai ficar boa. Olha ali ó.

Teresa olha para frente, com encanto.

Abruptamente, ouve-se o som de algo batendo e depois caindo.

Teresa sai do palco.

MIRO (O.S.)

Ai!

Neni e Miro estão caídos no chão do palco.

Ao lado de ambos, um carrinho de madeira virado de lado, com a rodinha ainda girando.

Eles se levantam e apalpam as partes atingidas pelo choque.

Neni está vestido com uma camisa de botões aberta e um estilingue pendurado no pescoço. Ele interpreta uma criança, e move-se de forma desajeitada.

MIRO

Neni! Tu não tinha que tá lá cuidando dos bicho?

NENI

É que eu pensei assim ó. Se os bicho tão preso eles não vão fugir, e se eles não vão fugir, eu não preciso cuidar deles.

O som de risadas vem da plateia.

MIRO

E o que tu tá fazendo aqui de novo?

NENI

Eu vim arrumar as coisas pra caçar o Thiltapes.

MIRO

Ah é?

NENI

Sim, hoje de noite nós vamo pega esse bicho.

MIRO

Hoje, é?

NENI

Sim, se nós não pegar ele hoje daí...

MIRO

Dai?

NENI

Dai eu acho que nós vamo pega ele amanhã dai.

Na PLATEIA, os rostos de vários moradores do vilarejo, rindo.

Eles estão sentados em cadeiras de plástico, dispostas de forma improvisada no ginásio.

Alguns tomam chimarrão e fazem pequenos comentários com seus vizinhos de cadeira.

No PALCO, Neni e Miro seguem conversando.

NENI

Pai, mas como é esse bicho?

MIRO

Ué, tem dois olho, duas orelha, uma boca e um nariz.

NENI

Mas todos os bicho são assim, como eu vou saber qual é o Thiltapes?

MIRO

Olha Neni, esses dias eu fui cuidar do pomar e tava tudo destruído.

Galho e folha pelo chão, a terra remexida. Aí notei isso aqui.

Miro tira algumas laranjas de dentro da lata velha que está no palco. As frutas estão todas parcialmente mordidas.

MIRO

Ninguém sabe direito como é. Não se sabe se parece com um pássaro, um rato, um gato, ou se é tudo isso junto. É um bicho muito arisco e traiçoeiro.

NENI

E onde eu posso pegar ele, perto do arroio?

MIRO

Escuta, eu tenho que explicar primeiro como funciona. Eles vem de longe comer as batatas da gente.

Por isso tem que fazer um trilho com as batatas, daí eles vem devagar fazendo "glub, glub, glub".

Neni faz uma careta, estranhando o curioso som. Risadas da plateia.

NENI

Tá e o que mais tem que fazer?

MIRO

Um tem que abrir o saco e o outro fica de longe chamando ele com as batata. E outra coisa, tem que ter um cuidado muito grande. Ele ataca com o bico ou com o dente, e deixa a pessoa cega.

Neni e Miro saem do palco. Um fade de luz começa.

O detalhe de um dedo que termina de deslizar o botão que dimeriza a luz do palco.

Ainda com o figurino, Teresa organiza-se em frente a uma MESA

DE CONTROLE cheia de botões que controlam a luz e o som da peça.

Ela está séria e compenetrada, preparando-se para a cena posterior. Verifica em um pedaço de papel as coordenadas, antes de subir a luz novamente.

A luz retorna ao PALCO, agora mais amarelada.

Neni e Miro entram novamente no cenário. Neni com um saco de tecido em uma mão e Miro segurando a lata de metal.

Eles olham para cima, atentos.

MIRO

Eu vou gritar lá de cima do morro, vamos ver se ele vai responder.

NENI

E eu, o que faço?

MIRO

Fica aqui esperando que eu vou tocar o Thiltapes lá de cima.

Quando ele aparecer tu pega ele com a sacola.

NENI

E não é perigoso?

MIRO

É sim. Toma cuidado, e lembra que ele ataca bem no olho da gente.

Neni fica um pouco nervoso e Miro sai do palco.

Do fundo do cenário, Miro começa a gritar.

MIRO

Glub, glub, glub.

Neni pega a sacola e abre bem os olhos, preparado para pegar o animal.

NENI

Pai, isso foi tu?

MIRO

... Glub, glub, glub.

NENI

Eu acho que ele tá vindo!

Nada acontece por um tempo.

Aos poucos, Neni fica menos tenso e começa a bocejar.

Ele deita no palco e fecha os olhos.

Na MESA DE CONTROLE, Teresa está séria e concentrada, operando os botões.

A luz do ambiente toma uma coloração mais azulada e ouve-se o som de uma floresta durante a noite. Uma trilha de suspense começa a tocar.

Teresa sai da mesa de controle e dirige-se para o fundo do cenário.

No PALCO, Neni segue dormindo.

O som ambiente, a trilha atmosférica e a iluminação, são tensos, e um pouco desproporcionais ao leve tom apresentado até o momento.

Expectativa. O barulho das conversas entre o público começa a diminuir.

De trás de um pano preto, sai um grande pássaro cenográfico, de costas para a plateia. As asas abertas dão um aspecto de mistério, um tanto assustador.

Na PLATEIA, os moradores começam a ficar mais sérios e totalmente em silêncio, tentando adaptar-se à repentina mudança de tom apresentada pela peça.

Teresa volta para a MESA DE CONTROLE. Ainda de pé, ela estica a mão e aperta alguns botões, antes de voltar para trás do palco.

O som alto do grito do Thiltapes toca no ambiente. É um lamurio grave e estranho, no limite do que pode ser identificado como o canto de um pássaro.

Uma densa fumaça embaça as formas do PALCO, e uma luz deixa o pássaro de costas ainda mais silhuetado.

Neni segue deitado. O pássaro se aproxima dele ainda mais e começa a se virar, lentamente.

O estranho barulho do pássaro vai ficando ainda mais assustador.

Na PLATEIA, os rostos dos moradores, segurando a respiração.

Silêncio de expectativa.

Todos os olhares direcionados ao palco.

Uma mão pequenina aperta forte o tecido de sua roupa.

A mão é de ANA, 9 anos. Com o olhar ainda mais enfeitiçado do que o dos demais moradores, a menina respira fundo.

No PALCO, o pássaro segue se virando devagar, envolto por uma densa nuvem de fumaça.

Ana absorve toda a grandeza e magia causadas pela fumaça. Ela estica o pescoço para observar melhor.

O pássaro segue se virando em meio a fumaça, quase a ponto de mostrar sua face.

No auge da tensão, um alto barulho de queda de luz.

Toda a energia do lugar cai, antes que o animal possa ser visto de frente. O som termina, as luzes, a magia.

Ana respira pesado em meio a escuridão e o silêncio. Ela move-se nervosamente, olhando de um lado para o outro.

Luzes de lanternas de celulares começam a acender em volta de Ana.

Uma mão adulta se estica a sua frente, auxiliando Ana a sair dali em fila com os demais. É HEITOR, 50 anos, pai de Ana, que guia a menina pela mão.

Ana caminha pelas fileiras, segurando a mão de Heitor, enquanto observa o palco de longe.

A silhueta do pássaro parece ainda mais misteriosa com um resquício de fumaça e banhada vez por outra pelas lanternas vindas da plateia.

CENA 4 - EXT. CASA DE ANA - FUNDOS - AMANHECER - 2022

Um grupo de pássaros sobrevoa o céu, passando em frente ao sol que nasce entre os morros. O canto dos pássaros se espalha pelo ar.

Os raios solares batem no rosto de Ana, que encara a paisagem com olhos semicerrados enquanto dá uma mordida em seu sanduíche.

Ela está nos fundos da casa. O lugar fica ao lado de um morro alto e é cercado por uma alta vegetação.

CENA 5 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - AMANHECER - 2022

BERTHA, 85 anos, avó de Ana, uma senhora de óculos grandes e costas encurvadas, está sentada em um banco embaixo da frondosa árvore no centro do pátio.

Ela toma chimarrão, em silêncio. Suspira enquanto observa Ana, à distância.

A menina ainda está parada e olhando o céu.

CENA 6 - INT. CASA DE ANA - GALPÃO DOS ANIMAIS - AMANHECER - 2022

Dentro de um pequeno galpão de madeira, Heitor afasta um grupo de medalhas para pegar, detrás delas, uma lata velha e amassada.

Ele assovia uma canção, tranquilo. Algumas galinhas cisam o chão do galpão livremente.

De dentro da lata, Heitor tira um líquido pegajoso, que começa a passar nos pelos de uma vaca malhada.

Um som de motor vindo da rua chama sua atenção, e também a da vaca.

Ele se vira para a estrada de chão em frente à sua casa.

Uma velha caminhonete se desloca pela estrada, puxando um reboque que carrega uma grande e musculosa vaca, muito maior do que a dele.

Heitor e sua vaca encaram a passagem da caminhonete e da grande vaca com surpresa e gravidade no olhar.

CENA 7 - EXT. GINÁSIO - GRAMADO - DIA - 2022

As atividades da "Festa do Colono". O barulho constante das pessoas de idades diversas.

Duas mulheres serram um pedaço de tronco, em partes diferentes, para ver quem o corta primeiro.

Um homem joga uma bola de meia, tentando derrubar a maior quantidade de latas possível.

Um grupo de senhoras gira em volta de um grupo de cadeiras.

Quando a música para, elas tentam sentar o mais rápido que podem.

Vendados, os moradores cheiram um saco plástico com diferentes temperos, tentando descobrir qual é.

Algumas duplas dançam de costas, tentando não derrubar um ovo que está entre as costas de cada participante.

O som dos moradores agora é um murmurinho, muito mais baixo do que durante os jogos.

Texturas de uma pelagem animal se movem com uma respiração pesada. Em meio ao pelo de vaca, se destaca uma mancha que remete à silhueta de uma mulher com um véu sobre a cabeça.

MARTHA (O.S.)

(sussurrando) É uma imagem muito sagrada. Olha ela, a santinha, olhando pra gente...

Um trio de jurados formado por MARTHA, 60 anos, EDOIR, 62 anos e SILVIO, 55 anos, observa a mancha da vaca com seriedade. É a grande e musculosa vaca que Heitor viu passar em frente a sua casa.

Os jurados tem um ar de especialistas, que lhes dá certa empáfia.

Silvio segura uma prancheta, onde faz algumas anotações.

Martha observa o detalhe da pelagem da vaca com os braços cruzados nas costas.

Edoir se distancia um pouco para ter uma melhor compreensão da imagem sobre o pelo.

EDOIR

Que raro. Incrível mesmo.

LUIZ, 45 anos, é o dono da grande vaca. Ele tem o semblante tranquilo e orgulhoso.

Ana está ao lado de seu pai Heitor, que se posta ereto e com ar taciturno ao lado de sua pequena vaca malhada - a vaca tem o pelo brilhoso, mas é muito mais magra do que a outra.

Junto a Ana e seu pai, está também JÚNIOR, 12 anos, o primo de Ana, baixo e atarracado.

Os moradores olham para as duas vacas e para os jurados em clima de contida expectativa. Cochicham entre si, em um tom de voz muito baixo.

Os três jurados se afastam, em conjunto, para deliberar. A conversa entre os moradores mantém um tom de expectativa.

Antes que qualquer palavra aconteça, os jurados retornam até o tablado e a caixa de som.

Edoir pega do chão do tablado uma caixa contendo um pulverizador costal novinho.

Ana vira-se para Heitor, na expectativa.

EDOIR

Por unanimidade o júri decidiu que a vaca vencedora é... a vaca de propriedade do senhor Luiz!

Aplausos. Edoir entrega a caixa com o pulverizador nas mãos de Luiz.

Heitor assiste com o olhar da frustração que precede a raiva.

Ana percebe a mudança no olhar do pai.

EDOIR

Agora, o prêmio de segundo lugar!

Martha segura um quadro que está coberto por um véu. Ela o retira, revelando uma imagem de São Francisco de Assis.

MARTHA

Ao senhor Heitor: esse lindo quadro de São Francisco de Assis, o padroeiro dos animais!

Martha entrega o quadro para Heitor e aplaude.

Ana aplaude de forma entusiasmada.

Júnior aplaude de forma tímida - ele percebe que seu tio Heitor não parece nada satisfeito com o segundo lugar.

HEITOR

Mas que ladrão de merda!

Ana assusta-se com a reação de Heitor.

Alguns moradores percebem o descontrole de Heitor e comentam entre si.

Uma risada distante quebra o gelo da situação.

Ana olha para trás para ver o que é, e vê de longe Miro e Teresa rindo, enquanto tiram suas malas do baú da Pick-up e as levam para dentro do ginásio.

Ana vê quando Thiltapes, o pássaro cenográfico, é colocado bem atrás de uma janela do ginásio. Ela faz menção de ir até lá, mas seu pai a chama.

HEITOR (O.S.)

Ana!

Ana percebe que Heitor já desvencilhou-se do grupo, e caminha sozinho pela estrada, puxando a vaca por uma corda e carregando o quadro na outra mão.

Ana corre até o pai. Júnior faz menção de se despedir da prima, mas ela o ignora.

As pessoas desmontam os banners e faixas que anunciavam o evento.

Luiz leva a vaca vencedora até o reboque que a levará até ali, com a ajuda de alguns moradores.

Já distante do grupo, Heitor dá uma breve olhada para Luiz e a grande vaca vencedora subindo no reboque, enquanto continua seu lento e silencioso caminhar junto a Ana e sua pequena vaca malhada.

CENA 8 - EXT. CAMPO - DIA - 2022

Os olhos de Ana miram com atenção a casca de uma árvore. Do lado de fora, o som do vozerio de crianças que correm e se afastam.

ANA
Três... Quatro... Cinco...

A cada número, Ana faz um silêncio e ouve o som das vozes baixando.

ANA
Seis...Sete...Oito Até que o som das vozes some completamente, dando lugar apenas ao barulho de aves, insetos e o balançar de folhas ao vento.

ANA
Nove...Dez!

Com cuidado, Ana coloca um dos olhos pra fora do abrigo de seu braço.

A paisagem está vazia. É um campo relativamente aberto, mas os morros em volta não permitem enxergar o horizonte.

Ana gira no seu próprio eixo até decidir-se por uma direção e começar a caminhar.

Ana se deita e olha uma reentrância em uma ribanceira. O farfalhar das folhas faz um barulho alto. Não há ninguém ali.

Ela se levanta e caminha vagarosamente, olhando ao redor e escutando cada detalhe dos sons do ambiente.

Subitamente, um mugido alto e longo surge no horizonte, seguido pelo canto estridente de um grupo de pássaros.

Ana se vira rápido e olha em volta.

O campo vazio.

O bando de pássaros voa, se distanciando no horizonte.

ANA
Júnior?

Ana aperta o passo, um pouco apreensiva, voltando para o vilarejo.

CENA 9 - EXT. ESTRADA - GRANDE CASA - ENTARDECER - 2022

Batendo com um graveto no chão, Ana caminha rapidamente por uma estradinha de terra.

Ela sobe uma pequena elevação e se surpreende.

Seu grupo de amigos está reunido às margens de um córrego.

Todos com a atenção voltada para a outra margem.

De onde ela está, não consegue enxergar. Com cuidado, Ana caminha para mais perto do córrego.

Ao fundo, a grande casa do vilarejo. O riacho serve como uma divisa natural para o amplo terreno da propriedade.

Sem falar nada, Ana encontra uma brecha pelo meio dos seus amigos - que são todos um pouco maiores e mais velhos do que ela.

Seus olhos se arregalam com a imagem que se descortina.

A vaca de Luiz, a grande vaca vencedora do concurso, está deitada imóvel no campo.

Ana estica o pescoço e move a cabeça buscando outras perspectivas, e nota que a mancha que remete a uma santa com o véu na cabeça, está voltada para cima.

Ana se dirige a Júnior em voz baixa.

ANA
Tu viu o que aconteceu?

JÚNIOR
Eu não, mas ouvi um grito. Deve ter doído.

LARISSA, 11 anos, olha invocada para a cara de Júnior.

LARISSA
Vaca não grita. Ela só deve ter morrido mesmo.

SÉRGIO, 13 anos, não compartilha da empolgação. Ele acha que tudo aquilo é um exagero.

SÉRGIO

Como tu sabe que ela não tá dormindo?

Sem olhar para a vaca, Larissa aponta para um ponto bem ao lado do corpo do animal.

Ana segue a orientação do dedo da amiga.

O sangue espesso da vaca se espalha pela relva, escorrendo vagarosamente em direção às águas mansas do córrego.

Ana fixa o olhar na água que fica tingida de vermelho.

Então, um grave mugido ecoa.

A vaca move o pescoço e se levanta, devagar.

As crianças dão um passo para trás. Um silêncio de surpresa se instaura no grupo.

A vaca se distancia em passos vagarosos e pesados, sem revelar a origem do sangramento.

A água do rio termina de escorrer o sangue. O movimento da sombra e o som dos passos indicam que as crianças se distanciam dali.

A grande casa fechada, ao fundo. O silêncio deixado pela ausência das crianças.

No gramado, um Quero-quero, pousado na grama, olha para a câmera.

Ouve-se a narração de um LOCUTOR de rádio, que começa a falar de forma pausada e tranquila - como em um programa sobre animais selvagens.

LOCUTOR (V.O.)

Podendo ser encontrado em toda a América do Sul, o Quero-quero é um animal muito territorialista.

O Quero-quero se desloca altivo pela relva aberta.

LOCUTOR (V.O.)

Ele vive em campos abertos e raramente pousa em árvores.

Um outro Quero-quero dá um rasante.

LOCUTOR (V.O.)

Seu canto é muito alto e expressivo. Vamos ouvir um pouco do nosso querido Quero-quero.

O som do canto do Quero-quero começa a tocar.

Um grupo de Quero-queros bebe água do rio, ao lado das vacas.

Um pouco afastada, a grande vaca ferida desloca-se vagarosamente pelo terreno da casa grande.

CENA 10 - INT. CASA DE ANA - SALA - NOITE - 2022

Bertha fixa na parede o quadro de São Francisco de Assis - o prêmio de segundo lugar na premiação das vacas.

O som do Quero-quero continua vindo de um pequeno rádio sobre a mesa.

Por um instante, Bertha olha Ana, que está sentada do lado de fora, na varanda.

A mão de Bertha pega o rádio e ela vai para o lado de fora da casa.

BERTHA

Vem comigo aqui no pátio, Ana.

CENA 11 - INT. CASA DE ANA - PÁTIO - NOITE - 2022

Sentada no banco abaixo da árvore no centro do pátio, Ana move as pernas com a energia da sua ânsia.

O som do canto do pássaro segue tocando no rádio. O canto se mistura ao barulho ocasional de uma tesoura de corte.

Bertha observa com atenção os ramos e as folhas da grande árvore que fica no pátio da casa. Ela tem uma grande tesoura de ferro na mão.

Bertha escolhe um dos ramos e com um movimento rápido o arranca da árvore com um corte do seu tesourão. Ela demonstra uma força surpreendente para sua compleição.

Bertha baixa a tesoura. Ana se levanta, observando a avó e acreditando que é hora de ir. Mas Bertha não se move, fica apenas olhando as folhas se mexendo com o vento da noite.

O som do farfalhar da pequena mas alta plantação de milho faz Ana se assustar.

O cachorro junta-se a Ana, em posição de alerta.

Algo se move dentro do milharal. Ana fica na expectativa.

Bertha segue tranquila, cortando algumas folhas da árvore.
De dentro do milharal sai o pai de Ana, Heitor.
Ele percebe a surpresa de Ana e do cachorro olhando para ele.
Heitor responde em um tom suspeito.

HEITOR
Dá pra entrar por aqui também.

Ana vê Heitor se distanciar até o pequeno galpão de madeira.
A tesoura de Bertha corta mais um ramo da árvore em um rápido movimento. O ramo cai pesado no chão.

CENA 12 - EXT. VILAREJO - NOITE - 2022

Bertha e Ana caminham uma ao lado da outra pelas ruas mal iluminadas do vilarejo.

Ana corre até o foco de luz de um poste, observando a escuridão em volta. A menina fica parada, espreitando a noite de dentro do seu círculo iluminado.

Os passos de sua avó se aproximam. Ana vê Bertha entrar na luz, e então resolve caminhar no mesmo ritmo.

ANA
Tem uma vaca machucada naquela casa grande.

Bertha olha para a neta, surpresa, mas nem tanto.

BERTHA
Tem muitas vacas lá, as vezes acontece uma coisa assim.

ANA
O estranho é que foi a que ganhou o prêmio.

Após um tempo, Bertha balança a cabeça, dando a entender que ouviu.

ANA
Quem será que machucou a vaca?

Bertha, frustrando a expectativa da neta, não se abala.

BERTHA
Não sei dizer...

Ana se apressa na frente de Bertha, até o próximo foco de luz. Ela fica pensativa, lidando com a curiosidade, enquanto a avó se aproxima.

Bertha suspira, controlando o nervosismo surgido da coincidência de a vaca ferida ser a mesma que ganhou o concurso.

Elas caminham lado a lado. A voz de Bertha rompe o silêncio, surpreendendo Ana.

BERTHA

Podem ter vários motivos que a gente nem imagina.
Pode até ter sido um bicho, Ana. É um mistério mesmo, impossível de descobrir.

Ana olha por alguns instantes para sua avó, enquanto assimila o que foi dito por ela.

Elas seguem caminhando por mais alguns instantes.

ANA

Foi o que eu pensei. Um bicho.

CENA 13 - EXT. VILAREJO - FRENTE DA IGREJA - NOITE - 2022

Ana está sentada embaixo de um ponto de luz que fica bem em frente a igreja.

Enquanto Bertha se aproxima, Ana olha para o ginásio onde aconteceu a peça sobre o Thiltapes.

A Pick-up do grupo de teatro segue estacionada em frente ao local.

Ana vê quando Neni sai de dentro da Pick-up e vai até o ginásio, abrindo a grande porta de ferro.

Por alguns segundos, Ana enxerga lá dentro a assustadora silhueta do pássaro cenográfico, de asas abertas, até que a porta se fecha de novo.

Bertha chega até a corda que pende do teto da igreja.

Dali, ela consegue ver o terreno da grande casa. Ao longe, podem-se ver as sirenes de um carro de polícia e um grupo de pessoas reunidas no gramado.

Bertha franze o cenho, e então começa a puxar a corda do sino para cima e para baixo.

O sino toca.

Ana volta seu olhar para os morros a sua volta, cobertos pela mata.

CENA 14 - EXT. MATA - NOITE - 2022

O sino segue tocando distante, misturado ao repetitivo mantra dos animais noturnos.

O interior da mata fechada, parcialmente iluminado pela luz da lua.

As nuvens transitam entre os morros.

O barulho do sino termina e o som dos animais diminui, criando uma suspensão.

Rompendo a suspensão, surge a narração de um homem, em francês.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Os animais da floresta se retiram das clareiras.

Os pássaros se escondem sob as folhagens das árvores ou nas fissuras dos rochedos.

Uma toca cavada no meio da terra.

Uma enorme rocha com suas reentrâncias.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Mas no meio desse silêncio aparente, quando aguçamos o ouvido atento aos sons mais fracos transmitidos pelo ar, escutamos um tremor surdo.

Um misterioso buraco dentro do tronco de uma árvore.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

O murmúrio contínuo, o zumbido dos insetos que preenchem todas as camadas inferiores do ar.

Os cantos dos animais vão se somando, um por um, como uma orquestra.

Líquens. Cipós. Plantas parasitas.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Um barulho confuso sai de cada arbusto, do tronco podre das árvores e das fendas dos rochedos.

Esse contraste de movimento e silêncio. Esse aspecto de uma natureza ao mesmo tempo calma e animada, impressiona a imaginação do viajante.

Uma árvore com ranhuras. As ranhuras apresentam uma cor verde-viva que pulsa de forma quase imperceptível.

O título entra sobre a tela: HISTÓRIA NATURAL

CENA 15 - EXT. MATA - RIACHO - AMANHECER - 1822

O ano é 1822. O sol começa a surgir baixo em meio às plantas, iluminando um riacho que corre rápido entre as pedras. O canto de um pássaro anuncia um novo dia.

O som de passos se aproximam.

Por trás de uma das árvores, ao longe, surge a figura de um homem pálido, magro e baixo. É SAINT-HILAIRE, 38 anos.

Os movimentos do homem, um pouco calculados, constrangidos por uma camisa branca de um nobre francês do século XIX, contrastam com a exuberância e o caos dos vegetais que o cercam.

O francês para ao lado de um riacho e se livra dos panos que cobrem seu corpo até deixar seu pênis livre.

Com alívio, ele urina sobre as águas do riacho. Até que se apavora com o que vê.

Se espalhando pela relva, a coloração do amarelo da urina, é seguida por um vermelho vivo, que escorre vagarosamente em direção às águas mansas do córrego.

Assustado, Saint-Hilarie fixa o olhar na água do rio tingida pelo sangue.

NOTA: a imagem do sangue se diluindo na água remete ao sangue da vaca ferida, na beira do riacho.

CENA 16 - EXT. MATA - GRANDE ÁRVORE - DIA - 1822

Saint-Hilarie raspa com uma faca afiada a casca de uma árvore e a colhe, colocando dentro de seu bolso.

Os olhos analíticos do francês se detém longamente em um enorme tronco rugoso que se ergue para além do topo da mata.

Ele se comunica em um português precário.

SAINT-HILAIRE

Que raro. Incrível mesmo.

FIRMINO, 24 anos, tem a pele marrom e brilhante, os cabelos pretos lisos e mantém alguma distância do francês e da árvore. Ele colhe

alguns frutos de um vermelho profundo e escuro. São ameixas da mata.

Saint-Hilaire se volta para Firmino, curioso com as frutinhas. Ele se aproxima.

Firmino nota o desejo do homem de conhecer e consumir as ameixas e estica a mão, oferecendo para ele.

A mão de Firmino larga as frutas na mão de Saint-Hilaire, que continua sua observação atenta a elas.

Aguardando numa picada na mata, CHUKWU, 25 anos, com a pele de um negro retinto, segura um facão.

Um silêncio de contida expectativa toma conta do local enquanto Saint-Hilaire prova as frutas.

Firmino também se alimenta com algumas delas.

SAINT-HILAIRE
É bom, é doce.

Saint-Hilaire oferece as demais ameixas para Chukwu, que o ignora.

Saint-Hilaire coloca as frutas em seu bolso.

O facão golpeia um dos galhos da árvore, que cai pesado no chão.

NOTA: A imagem, fala e movimentação de Saint-Hilaire remete aos jurados na premiação dos bois. A imagem do galho caindo é um espelhamento de quando Bertha corta os ramos de sua árvore.

CENA 17 - EXT. MATA - CAMINHO AO LADO DO RIO - DIA - 1822

O galho é depositado ao fundo de uma carroça de madeira, que carrega uma caixa de provisões, animais empalhados e uma grande quantidade de manuscritos protegidos por capas rústicas de couro.

O grupo caminha em um amplo vale ao lado de um rio, que corre entre a imensidão de dois morros verdejantes.

O avanço do grupo é pontuado pela narração em francês de Saint-Hilaire.

SAINT-HILAIRE (V.O.)
Na porção sul do país, deparamo-nos com paisagens um pouco distintas daquelas encontradas mais ao norte e ao centro. A região torna-se cada vez mais montanhosa. O caminho é margeado por mata virgem muito cerrada; em alguns lugares torna-se muito duro

e difícil vencê-lo. Não se pode negar, no entanto, que as similaridades persistem.

Chukwu guia os burros que puxam a carroça, seguido por Firmino.

Saint-Hilaire os acompanha mais distante. Ele se deslumbra com as árvores altas.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Às vezes andamos por dias a fio sem nos deparamos com nenhum viajante ao longo do trajeto.

A revoada de pássaros em meio aos morros.

Firmino observa os pássaros empalhados na carroça, com certo pesar.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Durmo muito mal por causa das pulgas, que são companhia constante desde Montevideu. Desconfio que são mais numerosas aqui do que em qualquer outro lugar do mundo.

Agora tomaram também minha carruagem.

Saint-Hilaire olha para a mata fechada, que se estende ao lado da margem onde o grupo caminha.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Não canso de me surpreender com os mistérios dos trópicos. Mas a solidão, a privação do sono e o calor excessivo têm me exaurido e influenciado o meu trabalho.

Ele passa a mão no estômago, incomodado.

CENA 18 - EXT. PICADA - DIA - 1822

Chukwu coloca o facão na lateral de um dos burros, e amarra a carga para que não caia.

Firmino, um pouco a frente, analisa a picada estreita que parece ir na direção de uma mata mais aberta.

Saint-Hilaire, enquanto espera, seca a testa com um pedaço de pano. Alguns mosquitos juntam-se ao seu redor.

Chukwu termina de arrumar a carga e imediatamente toca os animais.

De longe, Firmino observa o início da caminhada e começa a analisar o caminho a ser seguido.

A pressa de Chukwu obriga Saint-Hilaire a se esforçar para conseguir subir em um dos burros em movimento.

SAINT-HILAIRE
Putain.

O grupo se desloca na mata fechada, em um terreno irregular.

SAINT-HILAIRE
Firmino, era este mesmo o melhor caminho?

FIRMINO
Era.

SAINT-HILAIRE
Tenho a impressão de que subimos e descemos mais do que o necessário.

Firmino não lhe dá uma resposta.

Saint-Hilaire, em cima do burro, seca como pode o suor que escorre no seu rosto. Ele tenta se manter relaxado enquanto lida com o balanço imprevisível do trajeto.

Andando à frente do botanista, Chukwu e Firmino andam lado a lado. Chukwu faz um comentário (inaudível) no ouvido de Firmino, que olha para Saint-Hilaire e não consegue segurar uma pequena risada.

Saint-Hilaire, cansado, faz de conta que não viu.

Firmino coloca a mão em frente aos olhos e observa o sol à pino, entrecortado pelas árvores que passam.

CENA 19 - EXT. CASEBRE DE MADEIRA - FRENTE - DIA - 1822

Firmino para diante de um casebre de madeira construído em meio a um descampado que contrasta com a mata ao seu redor.

A porta do casebre se abre e MATIAS, 60 anos, um homem alto, vestindo uma blusa surrada de flanela e calças de tecido puído sai, carregando uma espingarda.

Ele encara Firmino, que não desvia o olhar.

Chukwu se junta aos dois, guiando os burros que carregam Saint-Hilaire.

Matias reconhece Firmino, e faz um sinal de pergunta com a cabeça.

FIRMINO
Trouxe um homem da tua terra. Pra passar a noite.

Saint-Hilaire desce do burro de uma maneira desajeitada.

Ele tem dificuldades em fazer força, está um pouco tonto.

SAINT-HILAIRE

Ouvi falar bem da sua estalagem.

Ando muito fatigado e, pelo que me disseram você tem tudo do que precisamos.

Matias encara o botanista com estranhamento. Sua resposta é na direção de Firmino.

MATIAS

Da minha terra?

Chukwu, um pouco afastado, se manifesta.

CHUKWU

Daqui que ele não é.

Matias fecha ainda mais o semblante.

Saint-Hilaire, um tanto quanto perdido, se adianta e retira um papel do interior de um dos panos que cobrem seu corpo.

Ele mostra o papel para Matias. É uma carta, um pouco amassada, com um selo oficial do governo.

Matias olha brevemente para o texto escrito no papel.

SAINT-HILAIRE

Há um selo, no fim. É o selo de...

MATIAS

Já sei, já sei o que é esse selo.

Matias fica em silêncio.

SAINT-HILAIRE

E então?

MATIAS

Não vai dar, não tem espaço.

Matias fica aguardando a reação do trio.

Percebendo o constrangimento da situação, Saint-Hilaire vira-se para Firmino e Chukwu.

SAINT-HILAIRE

Vamos?

Enquanto caminha até um dos burros, Saint-Hilaire faz questão de mexer bastante o corpo, fazendo um barulho de moedas.

Matias percebe e volta a falar com Saint-Hilaire.

MATIAS

Tem só um galpão ali, quer olhar?

Firmino permanece ali e observa Saint-Hilaire e Matias se distanciando até o galpão.

Eles param na frente do galpão. Saint-Hilaire hesita por poucos instantes, até que tira um saco de couro de dentro das suas vestes e entrega-o para Matias.

CENA 20 - INT. GALPÃO - DIA - 1822

Mãos brancas e com veias protuberantes manipulam as penas coloridas de uma ave. Elas deixam à mostra uma junção onde, por trás, pode-se ver uma mistura de palha e algodão endurecidos.

Uma mão mantém os pêlos abertos. A outra aponta uma fina agulha na direção da junção. Após encontrar o ponto certo, a mão branca e magrela empurra a agulha atravessando pêlo e couro.

Saint-Hilaire sua na testa devido à atenção concentrada.

Firmino observa enquanto Saint-Hilaire termina de costurar a pequena barriga de um coleiro.

Saint-Hilaire hesita diante da dificuldade de manter as mãos firmes. Respira fundo e dá mais um ponto para fechar a abertura, que sai torto.

Ao ver o resultado, ele faz um muxoxo, mas dá o processo por encerrado.

Saint-Hilaire estica o animal empalhado para Firmino.

SAINT-HILAIRE

Aqui, uma marca eterna da natureza.

Firmino observa o pássaro empalhado.

SAINT-HILAIRE

Obrigado por me trazer nesse lugar, Firmino. Duvido que alguém tenha vindo aqui antes. Quero que saiba que essa viagem só foi possível por sua causa.

Firmino hesita.

Saint-Hilaire se vira e começa a guardar seus materiais de taxidermia em estojos próprios para a acomodação dos mesmos.

SAINT-HILAIRE

Mas agora preciso voltar rapidamente. Não me sinto bem, e já não sei se encontraremos algum novo espécime por aqui.

Silêncio.

Saint-Hilaire vira-se com a falta de resposta, e Firmino já não está mais ali.

CENA 21 - EXT. CASEBRE DE MADEIRA - FRENTE - DIA - 1822

Firmino sai do casebre carregando o pequeno coleiro endurecido.

Sem muito cuidado, ele vai até a carroça parada ali próximo.

Retira o pano grosso que protege a carga e coloca o animal junto com outros exemplares tão duros quanto ele.

Ele observa os animais com inquietação.

Um barulho de tosse vem de dentro do galpão.

CENA 22 - INT. GALPÃO - DIA - 1822

Saint-Hilaire tosse sem parar. Uma tosse seca e aguda.

Ele leva um lenço à boca, até que a tosse lhe dá uma trégua.

Ele abaixa a mão e olha para o lenço.

O lenço está marcado por uma pequena mancha de sangue.

CENA 23 - EXT. CASEBRE DE MADEIRA - FRENTE - ENTARDECER - 1822

Chukwu termina de tirar a cela de um dos burros. Ele canta um Vissungu que é o Pai Nosso.

CHUKWU

OTÊ... OTEQUE OUÊ...

PADE NOSSE COM AVE MARIA

AUÊ...

SECURO CUMETAVITA AUÊ

Ê INGANAZAMBA PUNGA

AUÊ...

AUÊ, AUÊ, Ô...

Ô INDAMBA INGANAZAMBIPUNGA
AUÊ...

Ainda cantando, Chukwu vai até as árvores altas que circundam o casebre de madeira, e senta-se em frente a elas, observando seu lento balançar.

Perto dele, sentado em volta de uma pequena fogueira que esquentava a água em uma chaleira de metal, está Firmino. Ele aprecia o canto de Chukwu.

CHUKWU (O.S.)
DURO CUM ZAMBI
DIPUPI AIOVÊ
AUÊ...

Firmino toma mate em uma cuia de chimarrão. Por vezes ele pega a chaleira que está sobre o fogo e enche a cuia novamente.

Matias senta-se próximo a ele e estende a mão.

MATIAS
Tem tabaco?

Firmino sustenta o olhar sobre Matias, ignorando o pedido.

Ele dá mais um gole, fazendo o chimarrão roncar.

CHUKWU (O.S.)
Ê DURO CUM ZAMBI
DIPUPU AIOVÊ
ZAMBI DIMANGA
ZAMBI NO JIRA TINGÓ
AUÊ...

Firmino coloca água na cuia de chimarrão e oferece para Matias, que aceita.

Matias toma o chimarrão. Firmino percebe que Matias está com um desconforto no ombro, colocando a mão no local.

A voz de Chukwu reverbera por um tempo.

CHUKWU (O.S.)
SANTA MARIA, MÃE DE DEUS
ROGAI POR NÓS, PECADÔ
OIA SANTA MARIA, MÃE DE DEUS
ROGAI POR NÓS, PECADÔ.

Matias termina o chimarrão e devolve para Firmino.

MATIAS
O que esse francês quer aqui?

Firmino olha com certo pesar para Saint-Hilaire, ao longe. O botanista está sentado em uma pedra. A fragilidade de seu corpo contrasta com o mato alto que envolve o lugar.

FIRMINO

Ele escreve tudo o que vê por aqui e aí manda pra terra dele. Mas tá cansado já. Acho que o trabalho dele aqui já chegou no fim.

MATIAS

Mas o que ele quer?

FIRMINO

Se interessa pelos mistério do mato, principalmente animal...

Quando vê bicho que não conhece, quer saber tudo sobre ele.

Matias absorve as informações.

Firmino vê Matias mexendo o ombro, incomodado.

FIRMINO

Espera aí.

Firmino vai até uma bolsa de palha, pendurada em um dos burros, e pega algo dali.

CHUKWU

SARAVÁ O POVO DE NGOMA AUÊ
SARAVÁ O POVO DE MOÇAMBIQUE
OIA O POVO DE CONGADO UÊ
Ô NO JIRA NI CUNDA NO JIRA.

A canção termina.

Chukwu observa Matias e fala com ele de longe.

CHUKWU

Deixa o homem quieto. Quando cês brigam, coisa boa não dá.

Matias fica sem reação.

A mão de Firmino entrega para Matias um punhado de babosa.

FIRMINO

Não é de tabaco que tu precisa.

Esquenta no fogo e põem na ferida.

Matias agradece com um aceno de cabeça, e volta para o casebre.

CENA 24 - INT. GALPÃO - NOITE - 1822

As mãos brancas tentam traçar uma linha reta.

Saint Hilarie treme de frio dentro do casebre de madeira.

Mesmo assim, procura terminar de escrever um texto em um caderno iluminado pela luz tênue de um candeeiro.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Raras vezes tenho passado uma noite tão mal. Tremi a noite toda em completa vigília.

Ao seu redor, Firmino e Chukwu dormem roncando.

O lápis escorrega e cai no chão. O barulho acorda um dos homens, que para de roncar.

Saint-Hilaire sua e um pingo cai no caderno. Ele fecha o caderno e se levanta.

Ao virar-se para sair, se assusta com os olhos de Chukwu lhe mirando na escuridão.

Saint-Hilaire baixa seus olhos e sai do casebre.

CENA 25 - EXT. CASEBRE DE MADEIRA - FRENTE - NOITE - 1822

Saint-Hilaire avista Matias, que está sentado ao lado de uma fogueira acesa, próximo ao casebre de madeira. Matias segura o ombro com a mão, como se estivesse fazendo uma compressa.

Ele vai até Matias e senta ao seu lado, pedindo permissão com um pequeno gesto de cabeça.

Matias não demonstra qualquer vontade em conversar.

Saint-Hilaire esfrega as mãos e parece mais confortável se aquecendo junto ao fogo.

Eles compartilham o calor por um tempo.

MATIAS (O.S.)

Dia desses acordei e fui cuidar do pomar. Tava tudo destruído.

Saint-Hilaire se surpreende com a voz de Matias se dirigindo a ele.

Matias segue seu relato de forma desinteressada, sem olhar para o francês.

MATIAS

Galho, folha pelo chão, terra remexida... Primeiro achei que eram os Kaigang, desses índios que atacam essas terras. Mas aí notei isso aqui.

Matias vira o corpo e, de uma bolsa ao seu lado, retira uma laranja e mostra para Saint-Hilaire.

Saint-Hilaire pega o fruto com enorme curiosidade e o analisa, aproximando seus olhos dele.

A fruta tem duas profundas e grossas perfurações que a atravessavam de um lado ao outro.

MATIAS

Quando vi, achei que era um bicho.

Bicho perigoso. E era mesmo. Dois dias depois a mulher do vizinho apareceu morta na mata, com esse mesmo sinal. E outra coisa: dizem que ataca com o bico, deixa a pessoa cega.

Saint-Hilaire está enfeitiçado pelo que Matias acabou de contar.

SAINT-HILAIRE

E você chegou a observar o animal?

MATIAS

Ele tentou me pegar quando eu tava dormindo.

Matias puxa a camisa para o lado e revela o ombro onde ele fazia a compressa com a babosa. O local tem um buraco profundo. Dentro da ferida, algumas larvas brancas se contorcem.

Surpreso, Saint-Hilaire arregala os olhos.

MATIAS

Mas quando acordei, o bicho que me atacou já tava longe. Ninguém sabe direito como ele é. Mas já vi pista dele ai no mato. Come coisa alta, ataca pelo alto, voando, pelo que deu pra ver. É um bicho muito arisco e traiçoeiro.

SAINT-HILAIRE

Posso ficar com essa laranja?

Matias faz sinal afirmativo com a cabeça.

MATIAS

Se quiser tem uma cachoeira aqui perto. Talvez tu encontre ele por lá. Pode deixar as coisas aqui e

voltar depois. Vai pelo rio pra não te perder e na volta dorme aqui de novo.

SAINT-HILAIRE
Obrigado.

Matias levanta-se e deixa Saint-Hilaire.

MATIAS (O.S.)
Eu cobro por diária daí.

O francês confirma com a cabeça e fica com os olhos vidrados na fruta furada.

NOTA: Algumas das falas de Matias sobre o Thiltapes são rimas de falas do teatro. O tom é diferente, mas o rosto de Matias será filmado de uma forma semelhante ao de Miro.

CENA 26 - EXT. CASEBRE DE MADEIRA - FRENTE - AMANHECER - 1822

Os burros pastam no gramado.

Firmino observa uma cerca improvisada que cria uma fronteira com a mata. Ele vê Matias, um pouco afastado, cortando lenha sobre um toco de madeira.

Chukwu está sentado, aguardando, perto de Firmino.

CHUKWU
Mais um dia sem pagamento. A gente devia largar ele no meio do mato.

Firmino hesita.

FIRMINO
Ele não tem nada de valor.

CHUKWU
Mas pagou o Matias.

FIRMINO
Aquilo não era prata, era ferro.

Pra eles aquela bolsa cheia não vale nada.

Saint-Hilaire sai de dentro do casebre e olha ao redor.

SAINT-HILAIRE
Obrigado senhor Matias pela estadia.

Matias somente balança a cabeça como resposta, enquanto segue cortando a lenha sobre o toco de madeira.

Saint-Hilaire vai até Firmino.

SAINT-HILAIRE

Vamos descer pelo rio. Quero buscar uma espécie que vive aqui. Algo que deve ser como isso.

Saint-Hilaire retira de seus panos um retalho de papel.

No papel, um desenho estilizado, quase fantástico, que remete ao pássaro cenográfico da peça de teatro. Ele tem as asas abertas. O corpo é de uma ave grande, como um condor. Já a cabeça assemelha-se a de um morcego, com dentes finos e grandes, assustadoramente à mostra.

Saint-Hilaire abre ambos os braços para mostrar o "tamanho real" do pássaro.

SAINT-HILAIRE

Deve ter mais ou menos esse esse tamanho e voa na parte de cima das árvores. Acho que é arisco, mas pelo que pude entender, o voo é um rasante rápido para pegar a presa.

FIRMINO

Isso não existe aqui não.

SAINT-HILAIRE

Vamos, vamos ver.

Saint-Hilaire guarda o papel e aponta o caminho.

Saint-Hilaire sobe em um dos burros, Firmino adianta-se na frente e Chukwu acompanha o andar dos animais. Os três adentram a floresta novamente.

CENA 27 - EXT. MATA - CAMINHO AO LADO DO RIO - DIA - 1822

Saint-Hilaire come sem muita vontade as frutinhas que estão no bolso de seu casaco. Ele está montado sobre um dos burros.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

A curiosidade e o dever de ampliar o acervo de nosso museu, me obrigam a estender minha estadia, à revelia da debilidade que me aflige.

O grupo desloca-se ao lado do rio.

Firmino anda na frente. Algo chama sua atenção na beirada da mata, mas ele não fala nada e segue seu caminhar.

Saint-Hilaire joga algumas sementes fora, quando sua atenção também é levada para a beira do caminho. Ele solta um pequeno grito e aponta para algo.

SAINT-HILAIRE
Ali!

Chukwu olha na direção apontada, desconfiado.

Firmino suspira.

Saint-Hilaire desce do lombo do burro, apressado e pega nas mãos um gambá morto.

As mãos seguram o animal, que ainda está sangrando. Ele possui em sua pele as mesmas marcas com furos que a laranja que Matias havia mostrado.

CENA 28 - INT. ESCOLA - LABORATÓRIO - DIA - 2022

2022. Ana encara o embrião de um pássaro, preservado dentro de um vidro com formol, sobre a mesa do laboratório.

PROFESSORA DE BIOLOGIA (O.S.)
... Os animais vão se transformando. Devagarinho um animal vai virando outro, que vai virando outro, que vai virando outro...

Ana sutilmente empurra os colegas, dando a volta no vidro para enxergar melhor.

Ao lado do vidro com o pássaro sobre a mesa, há uma ilustração que mostra a evolução de um dinossauro até chegar a forma do pássaro.

PROFESSORA DE BIOLOGIA (O.S.)
Hoje temos aqui uma marca eterna dessa etapa da evolução... As aves demoraram muito tempo pra chegar nessa forma. Milhões, bilhões de anos, para se transformar de um tipo de dinossauro até essa forma que conhecemos hoje... É uma longa e lenta história.

Os colegas de Ana, entediados com a teorização da professora, aguardam pelo final da aula. A maioria já se adianta em guardar suas coisas.

Ana segue vidrada na imagem do pássaro dentro do vidro com formol.

PROFESSORA DE BIOLOGIA
Na próxima aula nós vamos ver como é que uma forma vai se transformando em outra, tão diferente.

O sinal toca.

PROFESSORA DE BIOLOGIA
Pronto, deu por hoje.

A turma começa a recolher as coisas e sair do laboratório, menos Ana que se levanta e começa a passear os olhos por outros animais que estão no laboratório conservados em formol.

Os alunos saem e observam Ana com estranhamento.

Ana está detida diante de outros animais conservados em vidros com formol, que parecem olhar para ela.

Ana observa os animais com inquietação.

A professora de biologia olha para Ana. Ela observa a menina por um tempo, sem querer interrompê-la. O som dos alunos vai diminuindo.

O líquido verde e o vidro engordurado dão um aspecto soturno a uma cobra que tem a boca aberta.

Ana vê seu próprio reflexo no vidro.

CENA 29 - EXT. ESCOLA - PÁTIO - DIA - 2022

Dezenas de crianças povoam o pátio do colégio.

Ana junta-se a um trio de crianças mais velhas que já estão no pátio: seu primo Júnior, além de Sérgio e Larissa.

Com a chegada de Ana, algumas crianças se entreolham.

Sérgio segura o seu telefone, e as demais crianças o rodeiam.

SÉRGIO
Olha aqui, o olho furado.

JÚNIOR
É olho?

LARISSA
Pelo tamanho deve ser, se aqui é a cabeça.

Ana tenta esticar o pescoço por entre a trupe, que está de olhos grudados no pequeno celular.

SÉRGIO
Mas não lembro de ter visto olho furado.

LARISSA
Deve ser porque ela tava de costas.

Sérgio repreende Larissa com o olhar. Ana aproveita para se aproximar do telefone.

ANA
Posso ver?

JÚNIOR
Não pode não.

ANA
Deixa.

Os amigos de Júnior olham para ele com expectativa por sua resposta. Há algo de não dito entre eles.

JÚNIOR
Tu não tem nada a ver com isso. Se eu deixar, vai ter pesadelo.

LUCAS, um menino mais atarracado, grita do outro lado da roda.

LUCAS
O Júnior não quer que tu veja porque foi teu pai que furou o olho da vaca.

Ana fica nervosa, mas também confusa, com a constatação do menino.

Todos olham para ela e para Júnior, que fica alguns segundos sem ação. Lucas completa:

LUCAS
Ele fez isso por vingança.

Lucas sorri com orgulho da própria conclusão. Ele baixa a cabeça para olhar novamente em seu celular, quando a mão de Júnior surge e acerta um soco bem no meio de seu queixo.

Lucas tonteia. Júnior vai derrubar ele no chão, mas Lucas retoma os sentidos e desvia do golpe, fazendo Júnior se estatelar.

Ana se afasta, olhando o círculo que se forma em torno da briga.

Do meio da confusão, o celular com a foto da vaca ferida cai diante de seus pés.

Ana olha de longe para a imagem na tela do celular: a vaca ferida ocupa toda a tela, com o olho furado e com sangue escorrendo.

Ela se abaixa para pegar, mas a mão de Sérgio pega o telefone antes que ela alcance.

CENA 30 - EXT. FRENTE DA ESCOLA - ENTARDECER - 2022

Chove. Ana aguarda abaixo de uma marquise estreita.

Ela percebe as últimas crianças indo embora.

Ana olha para os lados. A chuva molha um pouco seus pés.

O barulho de um carro se aproxima e Ana fica aliviada.

Seu pai Heitor acaba de chegar com um antigo Fiat-147 em frente a escola.

CENA 31 - INT. CARRO DE HEITOR - VILAREJO - ENTARDECER - 2022

A paisagem verdejante passa pela janela do carro. Com a cabeça encostada no banco, Ana olha o vilarejo passando do lado de fora.

Heitor dirige em silêncio, atento ao que está fazendo.<L
Ele observa Ana com o canto de olho, e então decide estacionar em frente ao centro comunitário.

HEITOR

Vou pegar um refri pra gente.

Ana assente com a cabeça ao inesperado gesto de seu pai, que sai do carro carregando um guarda-chuva.

De dentro do carro, Ana se vira para ver melhor a Pick-up do grupo de teatro, ainda estacionada na frente do centro comunitário.

Enquanto Ana tenta absorver uma melhor imagem através do vidro molhado, o som da chuva segue batendo na lataria externa do carro.

O som de um veículo que se aproxima rapidamente. Derrapa.

Ana se assusta quando, subitamente, o vidro por onde ela olhava para fora, fica todo sujo de barro.

CENA 32 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - ENTARDECER - 2022

O carro de Heitor, sujo de barro na parte traseira, abre o ângulo e para dentro do pátio da casa. Uma caminhonete da polícia militar está parada dentro do pátio.

CENA 33 - INT. CARRO DE HEITOR - CASA DE ANA - NOITE - 2022

Heitor vê os dois policiais militares, que conversam tranquilamente com Bertha, e tem seus rostos iluminados pelo giroflex ligado do carro.

Ele olha para Ana, que está tomando um guaraná com o canudinho, em uma pequena garrafa de vidro.

HEITOR

Me espera lá nos fundos, Ana.

Heitor sai do carro, e Ana nota que o pai esqueceu o celular em cima do banco.

CENA 34 - EXT. CASA DE ANA - FUNDOS - NOITE - 2022

A chuva já parou. Nos fundos da casa, a escuridão é quebrada apenas pela luz fraca que atrai mosquitos e a tela do celular de Heitor, que Ana tem nas mãos.

Ana olha atenta a imagem.

Na tela a foto da vaca com o olho furado.

A imagem da vaca cobre toda a tela. Algumas manchas de desfoque próximo aos olhos causam um certo estranhamento no conjunto da imagem, o que não deixa de impactar a menina.

O som de passos na relva tiram a atenção de Ana da imagem.

Ela desliga a tela do celular e fica ali, iluminada pela luz amarela fraca, observando a noite, deixando seus olhos se acostumarem.

Outro som de passo, logo depois outro e eles parecem cada vez mais próximos.

Imóvel, Ana arregala os olhos tentando observar o que sairá do escuro.

O corpo de uma vaca surge. É a vaca perdedora do concurso.

Ana e a vaca se encaram por alguns instantes. Ana começa a se aproximar da vaca, devagar.

Ela quase encosta a mão na vaca quando novos passos se aproximam.

Ana se assusta, e também a vaca, que se vira e volta com passos pesados para a escuridão do campo.

Aproximando-se de onde Ana está, Heitor caminha sem dar atenção aos dois policiais, que lhe seguem.

O grupo adentra um galpão de madeira com uma forja.

Ana fica curiosa com a movimentação.

Atrasada em seus lentos passos, Bertha também desloca-se até o galpão.

CENA 35 - INT. CASA DE ANA - GALPÃO DA FORJA - NOITE - 2022

Heitor tira um pedaço de ferro incandescente da forja. Ele bate no ferro com um martelo, fazendo bastante barulho.

Heitor desvia o olhar dos policiais, que lhe encaram.

Bertha, de pé, encara os policiais.

Heitor para de martelar o ferro por um instante, possibilitando a conversa.

BERTHA

Vocês tem que falar com esses que tão acampado no centro comunitário.

Eles que contaram essa história de olho furado.

Ana espia atrás da porta do galpão. Ela tenta aguçar sua atenção.

O segundo policial lê para si mesmo num caderno a ordem dos acontecimentos.

POLICIAL 2

Vamos avaliar tudo. Mas é estranho que a vaca tenha sido encontrada assim logo depois que o senhor perdeu o prêmio.

Heitor segue desviando o olhar, cuidando de suas galinhas.

Até que resolve quebrar o silêncio.

HEITOR

A vaca que ele usou não era dele. O dono mesmo é o estrangeiro da casa grande, que quase não aparece por aqui e tem um monte de vaca.

Os policiais encaram Heitor com seriedade, tentando encontrar algum sentido em sua justificativa.

Bertha também espera para ver o que mais Heitor tem a dizer.

HEITOR

E o Luiz é um feiticeiro, pode ter feito isso pra descobrir alguma coisa, para ter um tipo de visão.

Os policiais miram Heitor enquanto lidam com esse argumento.

Heitor, impassível, agora encara os policiais.

Seu semblante silencioso inspira um certo desconforto, assim como o de Bertha.

Um apagão se abate no vilarejo. Tudo fica escuro.

Heitor segue encarando os policiais como se nada tivesse acontecido. Um clima de tensão paira no ambiente.

Os dois policiais olham em volta. Um deles suspira, entra na viatura, e dá partida. O segundo policial também embarca.

O carro sai, manobrando para sair do pátio.

O farol ilumina Ana e Júnior na janela, que seguem o carro com o olhar.

O quadro de São Francisco de Assis, ganho como prêmio pelo segundo lugar no concurso, está escorado na porta de entrada da casa.

CENA 36 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - NOITE - 2022

Algumas velas iluminam a varanda.

Ana está sentada na frente de casa, desenhando algo em seu caderno. Ela tenta se concentrar, e apesar do semblante tranquilo expressa seu nervosismo batendo a perna sem parar.

Observando Ana com certa preocupação, Bertha segura o radinho de pilha.

O locutor do rádio fala pausadamente, e deixa ouvir o canto de um pássaro entre suas frases.

LOCUTOR (V.O.)

Essa é Gralha-Azul. Ela mede cerca de 39 cm de comprimento. A que ouvimos é de coloração azul vivo e preta na cabeça. Vamos ouvir um pouco mais de seu canto.

O silêncio entre Bertha e Ana é preenchido pelo som que sai do pequeno alto falante do rádio.

Ana se assusta quando a avó se dirige a ela, de forma inesperada.

BERTHA

Olha ali, o fogo dançando.

A menina demora para entender o que a avó quer dizer. Bertha aponta para o vidro.

Ana sorri ao perceber que se trata da dança do reflexo do fogo no vidro da janela de casa.

O foco da atenção de Ana passa do reflexo do fogo no vidro para dentro de casa, onde seu pai Heitor prepara um sanduíche ao lado de uma vela.

O reflexo de suas ações na parede é um pouco assustador.

Bertha coloca a mão no ombro de Ana. A menina se assusta.

Ana ajuda Bertha a se levantar. Elas entram em casa e fecham a porta.

As vocalizações da Gralha-azul seguem e ecoam pelo pátio da casa.

O vento bate na grande árvore.

A varanda da casa, agora vazia.

O desenho de Ana é um pássaro com as asas abertas. Uma nova versão, diferente daquela desenhada por Saint-Hilaire, mas assustadora à sua maneira.

CENA 37 - EXT. ESCOLA - PÁTIO - DIA - 2022

No recreio, Ana e Júnior estão isolados de seus amigos.

Lucas está junto de outros dois meninos maiores. Eles conversam com Sérgio e Larissa, os amigos de Ana e Júnior.

O sinal toca e as crianças voltam para dentro da escola.

Lucas faz um sinal para Júnior, que indica que ele vai pegá-lo após a aula.

Júnior, nervoso, percebe uma brecha no portão da escola e puxa Ana pelo braço.

CENA 38 - EXT. ESTRADA ENTRE OS MORROS - DIA - 2022

Ana e Júnior andam em uma estrada que serpenteia um enorme morro. Eles saem de vista.

De uma curva, eles surgem novamente, ambos carregando mochilas nas costas. Júnior carrega sua bicicleta do lado do corpo.

JÚNIOR

O Lucas é um mentiroso desgraçado.

Eu vou pegar ele.

Ana caminha alheia a querela de Júnior. Ela parece muito atenta a cada detalhe das plantas na beira da estrada, como se buscasse nelas algum sinal.

JÚNIOR

Esse Luiz é outro. A vaca nem dele é...

Ana para e observa um furo em um pequeno galho seco caído.

Júnior para de andar, esperando Ana, enquanto olha para a vaca magra do terreno de uma casa.

Ana observa o galho bem próximo do rosto, analisando os furos. Mas são superficiais e não impressionam a menina.

CENA 39 - EXT. GINÁSIO - GRAMADO - DIA - 2022

Júnior anda no gramado em frente ao ginásio com sua bicicleta. Ele faz derrapadas na grama, deixando-a com as marcas dos pneus.

Ana está sentada em uma pequena elevação no gramado.

Ela olha para a sombra do Thiltapes através da janela do ginásio, e em seguida percebe a velha Pick-up, ainda estacionada ali na frente e de onde sai uma música de heavy metal.

Na sombra do veículo, estão sentados Neni e Teresa. Eles se beijam copiosamente. No banco do motorista, Miro relaxa, com os braços para trás.

Júnior quer chamar a atenção dos atores. Ele passa com a bicicleta em frente ao grupo e, em uma nova derrapada, acaba caindo.

Ele levanta-se devagar e vê que a correia caiu da bicicleta.

Caminha mancando até onde Ana está, deita a bicicleta no chão e olha para o grupo.

Teresa, Miro e Neni estão olhando para ele, com um leve riso no rosto.

Júnior faz um rápido "o que foi?" com a cabeça. Ele e Ana saem dali, caminhando lado a lado.

CENA 40 - EXT. VILAREJO - CASA GRANDE - FRENTE - DIA - 2022

Ana está parada diante do riacho onde a vaca ferida foi encontrada, e fica observando por uns instantes.

Ela olha para a grande casa do vilarejo, com seu vasto terreno.

Júnior alterna o olhar para Ana e para o terreno, sem entender a curiosa atitude da menina.

JÚNIOR
O que foi?

ANA
Vamos ver a vaca de perto?

JÚNIOR
Entrar?

Júnior analisa o grande terreno, totalmente vazio.

JÚNIOR
Mas é propriedade privada.

Ana já está tentando atravessar o riacho, pisando em algumas pedras sobressalentes. Júnior vai atrás.

CENA 41 - EXT. CASA GRANDE - QUINTAL - DIA - 2022

Vestido com o pulverizador costal que ganhou no concurso, Luiz espalha agrotóxico nas hortaliças que crescem no terreno.

A casa grande domina o lugar, e, ao lado dela, uma construção menor serve como abrigo para o caseiro Luiz.

Agachados atrás de uma caminhonete velha estacionada no terreno, Ana e Júnior observam o trabalho de Luiz.

JÚNIOR
Cadê?

ANA
Shhh.

O jato do veneno de Luiz se espalha. Ana acompanha seu trajeto até o riacho, bem onde há um grupo de vacas tomando água.

Júnior mantém os olhos em Ana, sem saber muito bem o que a menina está buscando.

Ana olha para o alto.

Luiz, ao longe, também olha para cima.

Os dois avistam um grupo de Urubus voando alto e em círculos sobre a região.

Luiz termina o trabalho e se distancia. Júnior percebe, cutuca Ana e aponta. Com cuidado eles seguem Luiz.

JÚNIOR
Cadê ela?

Luiz entra na casa pequena. Ana e Júnior apertam o passo para atravessarem a horta.

CENA 42 - INT. CASA DE LUIZ - SALA - DIA - 2022

Na ponta dos pés, Ana e Júnior se esforçam para ver de longe o que acontece dentro da casa.

A pequena casa está pouco iluminada. Luiz abre a porta da casa para uma senhora idosa, que senta em volta da mesa de jantar.

Luiz senta em frente a senhora, e começa a mexer em um baralho de cartas. Ele as oferece para a senhora.

Concentrado, Luiz pega as cartas selecionadas pela senhora e as dispõe sobre a mesa.

As crianças esticam o pescoço tentando ver melhor.

Luiz vira as cartas, olha nos olhos da senhora e começa a se expressar em um tom firme, utilizando o Hunsrik - uma variação do idioma alemão.

LUIZ
(em Hunsrik) Tô vendo aqui um desafio que vem pra ti.

Ana e Júnior se olham, espantados, mais pelo tom de voz e o idioma, do que pelo conteúdo.

LUIZ (O.S.)
Mas aqui ó, vejo que as possibilidades são muitas, o que é bom. Só precisa ficar bem atenta aos sinais!

A senhora, se arruma na cadeira enquanto Luiz fala.

Ana e Júnior se acotovelam na janela, absorvidos pelo momento com receio e curiosidade.

LUIZ
(Falando em Hunsrik) Dá pra ver também que tu tá com medo dessa mudança, mas do futuro ninguém escapa.

A senhora se encosta, pensando no que foi dito.

Ana e Júnior ficam na expectativa sobre o que vai acontecer.

Luiz vira-se e olha na direção das crianças, mas já não há ninguém na janela.

CENA 43 - EXT. CASA GRANDE - QUINTAL - DIA - 2022

Encostados na parede embaixo da janela, Ana e Júnior se olham enquanto tentam se acalmar.

Júnior olha para Ana, como se o que aquilo que acabaram de ver provasse alguma coisa.

O barulho de um mugido grave, quase um lamurio, vindo de um galpão próximo, chama a atenção da dupla.

Pela fresta do galpão, pode-se ver que a vaca ferida está deitada. Ela parece doente, respirando de forma pesada.

Júnior e Ana olham a face dela pela primeira vez. O olho direito dela está intacto.

O barulho de Luiz saindo de sua casa. Júnior puxa Ana e eles correm, sem serem vistos.

CENA 44 - EXT. CASA DE ANA - FRENTE - ENTARDECER - 2022

Ana e Júnior chegam na porta da casa de Ana.

Uma luz amarelada emana do galpão da forja. Ana abre o portão e eles entram.

Ana e Júnior se aproximam do galpão de onde vem a luz amarelada. Ouve-se o som forte de uma martelada sobre o metal. Ana estanca.

A sombra de Heitor erguendo o martelo surge na parede.

Ana observa o pai com inquietação.

CENA 45 - INT. CASA DE ANA - GALPÃO DA FORJA - ENTARDECER - 2022

Dentro do pequeno galpão, Heitor usa uma forja para aquecer um lingote grosso de metal.

Com cuidado, ele retira o lingote incandescente do fogo e o coloca sobre uma bigorna se valendo de um alicatão pra isso.

Heitor marreta o lingote com força e precisão, enchendo o galpão de faíscas. Ele dobra o metal, dando à peça o formato que ele necessita.

Enquanto trabalha, Heitor não olha para os lados.

CENA 46 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - ENTARDECER - 2022

Ana observa Heitor trabalhando.

Júnior a puxa e eles tomam a direção da casa.

CENA 47 - INT. CASA DE ANA - VARANDA - ENTARDECER - 2022

Ana e Júnior estão na varanda da casa. O dia vai ficando mais escuro.

Júnior caminha de um lado a outro da varanda.

JÚNIOR

Eu sabia, inventaram essa história do olho furado, só pra botar a culpa no teu pai.

ANA

É... Mas não deu pra ver o outro olho da vaca...

JÚNIOR

Ah, qualquer um faz uma montagem daquelas.

ANA

... E como faz para fazer uma?

JÚNIOR

Tem um programa que faz.

Ana fica por uns instantes observando Júnior - o menino está com raiva por não saber do que está falando.

ANA

Mas e o sangue saindo da vaca aquele dia?

Júnior se irrita ainda mais.

JÚNIOR

Deve ter sido uma pereba que a vaca pegou, sei lá.

Ana fica reticente.

ANA

É que eu pensei que podia ser um bicho...

JÚNIOR

É isso, Pereba é tipo um bicho.

ANA
Não isso. Um bicho maior.

JÚNIOR
Não tem bicho que faz isso por aqui, Ana. Esse bicho que tu tá pensando não existe, não.

Ana olha para o primo com certa tristeza.

Ela se conforma, até que lembra de algo.

ANA
Ela não parecia bem, parecia doente... E como eu falei, a gente não viu o outro olho da vaca.

JÚNIOR
(sussurrando) Isso é melhor tu não falar pra ninguém, tá?

O som dos passos vindo da parte de trás da casa interrompe a conversa. Heitor aparece e, antes de entrar na casa, coloca a mão na cabeça de Júnior.

HEITOR
E aí guri, tudo bem?

JÚNIOR
Oi tio, tudo.

Heitor adentra a cozinha. Da varanda, ouve-se o barulho de suas ações.

Ana e Júnior ficam em silêncio, por vezes olhando Heitor com o canto do olho. Ele está fazendo um sanduíche.

Após um tempo, Heitor sai da casa, comendo o sanduíche. Seus passos se distanciam.

Júnior volta a falar. Ele vai ficando mais nervoso à medida em que fala.

JÚNIOR
Eu não vou deixar o tio Heitor na mão... Foi o Lucas que manipulou a foto, pode ter certeza disso. E agora ninguém mais na escola fala com a gente. Ou foi alguém desse teatro. Desde que eles chegaram aqui que toda essa história aconteceu. Ninguém aguenta mais eles em volta do ginásio.

Júnior aguarda a reação de Ana à sua querela. Ana fica mais uns instantes observando Júnior após o término de seu falatório.

Júnior se irrita e recolhe sua mochila.

JÚNIOR
Tchau!

Ana fica sozinha na varanda.

CENA 48 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - NOITE - 2022

Ana, próximo a grande árvore do centro do pátio, observa a luminância instável que sai do galpão de forja.

A luz de dentro do galpão se apaga, e Ana fica na expectativa.

Ela é surpreendida por Heitor, que sai do galpão segurando um facão com a lâmina afiada.

Ana troca um olhar com seu pai.

O sino começa a tocar ao longe. A menina aproveita a deixa, e começa a se direcionar para fora de casa.

ANA
Vou lá com a vó.

Heitor assente com a cabeça e vê Ana indo embora. Ele tem o olhar impenetrável.

CENA 49 - EXT. ESTRADA - CASA GRANDE - NOITE - 2022

O som do sino segue tocando, distante.

Ana caminha em meio a escuridão da noite, pontuada pelas fracas luzes dos postes do vilarejo. O som dos animais noturnos é atordoante.

Ela passa ao lado do terreno da grande casa, que pode ser vista ao longe, impassível.

A casa está fechada, mas com luzes do jardim que a iluminam de baixo para cima, de forma um pouco tenebrosa.

Ana olha na direção do casebre de Luiz. As luzes da casinha estão acesas, contrastando com a escuridão do resto do ambiente.

Na mesma mesa onde Luiz leu o futuro da senhora no tarot estão a esposa e seu pequeno filho, que riem entre si, inocentemente.

A grande casa permanece fechada no fundo do terreno.

Subitamente, um barulho de tiro à distância ecoa no ambiente, e alerta Ana.

O sino para de tocar.

CENA 50 - EXT. CASA GRANDE - QUINTAL - NOITE - 2022

Ana detrás de um arbusto na margem do pequeno rio, vê Luiz se distanciando do grupo de vacas na outra margem.

Quando Luiz está suficientemente longe, a menina atravessa o riacho pelas pedras e corre até as vacas.

As demais vacas se dispersam, revelando o corpo de uma vaca estirado no chão - a grande vaca vencedora do concurso.

Ana começa a se aproximar mais devagar até o corpo da vaca.

A expectativa do momento em que as crianças viram a vaca pela primeira vez se repete - ela está morta?

Ana se aproxima um pouco mais, e se assusta com o que vê.

A vaca está morta e, no lugar onde estaria seu olho esquerdo, há um furo gangrenado.

Assustada, Ana se vira e começa a correr na direção da igreja.

CENA 51 - EXT. ESTRADA - NOITE - 2022

Ana corre pela estrada de chão.

CENA 52 - EXT. IGREJA - NOITE - 2022

Esbaforida e cansada, Ana chega até a porta da igrejinha.

Na porta da igreja, Bertha e mais duas senhoras olham com atenção para algo a sua frente: é a Pick-up do grupo de teatro, que continua estacionada em frente ao ginásio.

Elas cochicham entre si.

SENHORA 1
Eles não vão embora...

SENHORA 2
Tomaram conta do ginásio.

Ana também observa a Pick-up. Ela chega mesmo a dar um passo na direção do ginásio, mas logo para ao sentir a mão de Bertha fazendo um afago em sua cabeça.

A avó aponta para o terreno da grande casa, onde pode-se ver a carcaça da vaca morta.

BERTHA

Tu viu? Tiveram que sacrificar o bichinho...

Ana olha para Bertha, confusa.

CENA 53 - INT. CASA DE ANA - QUARTO DE ANA - NOITE - 2022

Ouve-se um cachorro que late constantemente do lado de fora da casa.

Ana está deitada e parece dormir.

Ouve-se a voz de Heitor, do lado de fora.

HEITOR (O.S.)

Shhh, sai daí!

Na janela do quarto, Bertha olha para fora.

Ela vê a árvore no centro do pátio balançando com o vento e o cachorro que late em direção a árvore.

Heitor vai até o cachorro e lhe pega pela coleira.

O rosto de Ana, deitada, de olhos abertos, escutando a movimentação.

CENA 54 - EXT. ESTRADA - DIA - 2022

Ana caminha rapidamente e de forma decidida pela estrada de chão do vilarejo.

CENA 55 - EXT. GINÁSIO - AMANHECER - 2022

O Thiltapes cenográfico com as asas abertas, desfocado e distorcido pelo vidro, emoldurado pela janela do centro comunitário.

Do lado de fora do ginásio, Ana olha para o pássaro. Ela caminha em direção a entrada.

CENA 56 - INT. GINÁSIO - AMANHECER - 2022

O som de pratos e talheres sendo guardados ecoa pelo ginásio.

Ana entra no lugar se movendo de maneira cuidadosa, como se fosse um território sacro.

No fundo do ginásio, a luz branca da copa está acesa. O som de louças emana daquele lugar. Ana nota um homem organizando a copa.

Ana caminha pelo centro do ginásio vazio. O lugar é grande e, no final dele, o palco está escondido por um véu branco, levemente translúcido.

A luz do outro lado da cortina revela, aos olhos de Ana, a silhueta do grande pássaro cenográfico com as asas abertas.

Ana se aproxima, ainda anestesiada pela visão no contra-luz.

Ela olha em volta e se arrisca, caminhando depressa e subindo no palco. Abre a cortina um pouco e entra para trás dela.

Ana sente que pisou em algo macio e olha para o chão.

Debaixo do seu pé um colchonete inflável coberto com um lençol branco.

Ana tira o pé rápido, notando a mancha que seu sapato deixou.

A menina olha em volta e nota que há mais dois daqueles, forrados com cobertores.

Ana fica com receio ao ver o acampamento formado atrás da cortina, mesmo com o ambiente aparentemente vazio.

Ela vira o rosto e o corpo de uma forma estranha, como se assim pudesse enxergar o pássaro de frente.

Ela vai aproximando-se assim, devagar, com curiosidade.

TERESA (O.S.)
Tá tudo bem?

Ana se assusta ao ver Teresa no chão, próximo a ela. Faz menção de ir embora.

TERESA
Espera aí guria...

Teresa se levanta e vai até Ana. Ela tem cara de quem acabou de acordar.

Ana dá alguns passos para trás. O pássaro cenográfico está ainda distante das duas.

TERESA

Deixa eu te falar, esse pássaro pode ser de mentira, mas dá muito medo. Só não te mostro ele pra guardar surpresa. A gente pretende terminar a apresentação, se a luz não cair de novo.

O homem que organizava a copa encara Teresa. Ele claramente está desconfortável com a presença dela ali.

TERESA

Enquanto isso vamos ficando por aqui.

ANA

Foram vocês que furaram o olho da vaca?

Teresa responde de forma enfática.

TERESA

O quê?

Ana mantém o olhar fixo em Teresa, tentando ler algum sinal.

TERESA

Eu não sei o que tu tá pensando guria... Mas sabe como é, toda a mentira tem um pouco de verdade, então algum bicho deve existir mesmo por aqui, né?

Com a resposta de Teresa, Ana se vira e corre o mais rápido que pode para fora do ginásio.

CENA 57 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - DIA - 2022

Bertha está acomodada sobre um banquinho de madeira desfrutando a generosa sombra da árvore em seu pátio.

A tranquilidade é quebrada pelo portão, que bate forte.

Ana adentra o pátio e passa apressada por Bertha.

Bertha apenas a acompanha com o olhar.

CENA 58 - INT. CASA DE ANA - QUARTO DE ANA - DIA - 2022

Ana pega a sua mochila e a coloca em cima da cama. Ela retira seu caderno e seus livros de dentro e os substitui por uma pequena garrafa de água e uma lanterna.

Ela reflete por um instante, sai do quarto, e volta trazendo nos braços tantas batatas quanto consegue carregar. Ana as joga na mochila.

CENA 59 - INT. CASA DE ANA - FUNDOS - DIA - 2022

Ana sai pela porta dos fundos da casa com a mochila nas costas.

Ela pula a cerca e some atrás de uma pequena elevação.

CENA 60 - EXT. FERROVIA - CRUZAMENTO - DIA - 2022

Uma placa de "pare, olhe e escute" é observada por Ana. O constante som de um trem se aproxima, seguido pelo ruído alto de seu apito.

Parada a beira do cruzamento, Ana aguarda, ansiosa. Ela segura a alça da mochila, pendura nas costas e, vez por outra, olha para trás para ver se está sendo seguida.

O velho trem passa a sua frente, não muito veloz, mas pesado e constante.

A composição de vagões finalmente termina de passar. Ana para em cima dos trilhos e vira-se na direção de onde o trem veio.

Os trilhos seguem naquela direção para uma ponte elevada, coberta pela neblina, que atravessa um grande vale, e que leva para o morro vizinho. Ana segue nessa direção, mas amedronta-se ao ver o precipício abaixo de si, entre os dormentes de madeira do trilho.

Ana olha para o lado, e desce pela lateral, através de uma trilha que entra para dentro do mato.

CENA 61 - EXT. MATA - GRANDE ÁRVORE - DIA - 2022

Ana colhe algumas ameixas na mesma árvore em que Firmino e Saint-Hilaire estiveram há 200 anos. Ela coloca algumas nos bolsos de seu casaco.

Ana come uma ameixa e observa a árvore. O tronco que havia sido cortado pela comitiva de Saint-Hilaire está regenerado.

Ana caminha na mata fechada. Mais a frente, a mata se abre.

Ela vai até o local e percebe que chegou novamente na grande árvore - está perdida.

CENA 62 - EXT. MATA - RIACHO - DIA - 2022

Caminhando na mata, Ana escuta o barulho distante de um riacho. Ela corta o caminho, passando entre as árvores altas, até que chega no escasso curso de água do riacho.

Ana segue o curso o riacho.

Mais a frente, depois de uma mata mais fechada, as águas se aceleram e o barulho fica mais intenso. Ana avança.

O pequeno riacho desagua em um braço de rio maior.

CENA 63 - EXT. MATA - CAMINHO AO LADO DO RIO - DIA - 2022

Ana continua margeando o grande rio, que se alarga paulatinamente enquanto o volume de água que corre por ele se adensa.

De cabeça baixa, Ana nota no solo arenoso a beira do rio algumas pegadas de pássaro.

É o mesmo vale entre os morros, em que Saint-Hilaire e a comitiva passaram.

Ana se agacha, olha com cuidado.

O som de uma ave gritando ecoa na mata, suplantando o ruído das águas.

Ana ergue a cabeça, em direção à mata fechada.

CENA 64 - EXT. MATA - ENTARDECER - 2022

Ana caminha em meio a mata fechada, ocasionalmente jogando batatas no chão.

Ela segue algumas pegadas que, em um determinado ponto somem.

Ana olha para trás, e vê as batatas ao chão.

Olha para frente e segue, mesmo sem ter mais pistas.

CENA 65 - EXT. CACHOEIRA - ENTARDECER - 2022

Ana volta a ouvir o som de água. Ela abre caminho por entre alguns arbustos úmidos e baixos, revelando a sua frente uma cachoeira que cai majestosa por entre a mata.

Ana se agacha junto a queda d'água e bebe um pouco, matando sua sede.

Ela pega a garrafinha e aproveita a piscina natural para enchê-la.

Enquanto a água expulsa o ar e entra na garrafa, Ana olha para os céus e avista alguns pássaros que voam acima das copas.

A garrafa enche, Ana tampa o bocal e olha para o chão, onde nota novamente algumas pegadas de um pássaro de grande porte.

As pegadas seguem até a lateral da queda d'água. Ana guarda a garrafa na mochila e segue o rastro.

Ana dá a volta na cortina de água e encontra uma gruta.

A escuridão do lugar faz Ana conferir por alguns momentos com cautela se algum som vem de lá de dentro.

Ela joga várias batatas na entrada da gruta, e espera. Nada acontece.

Ana pega seu telefone e acende a lanterna, entrando devagar no interior da gruta.

CENA 66 - INT. GRUTA - ENTARDECER - 2022

Ana, com a lanterna acesa, caminha com cuidado por dentro da gruta, procurando algum rastro do pássaro.

Ela ilumina as paredes que estão cheias de marcas dos mais variados tipos: desenhos, palavrões e assinaturas de casais apaixonados.

A sua frente, a queda d'água é iluminada pelo sol amarelado do final da tarde.

Os contornos do lugar vão ficando menos delineados.

Encostada na parede da gruta, Ana vê que a última luz amarela já quase deixou de iluminar a cachoeira.

Ela observa as batatas jogadas na entrada da gruta.

Ouve os sons da noite amplificados quando reverberam na rocha que a cerca. A menina está mais calma, acostumada àquele ambiente.

Ana tem sono, e puxa as sobranceiras para cima com os dedos, tentando se manter acordada.

Na queda d'água, a luz que termina de se dissipar cria um efeito fantasmagórico nas águas dançantes.

CENA 67 - EXT. CACHOEIRA - ENTARDECER - 1822

É novamente 1822. Na beirada do rio, Saint-Hilaire, Firmino e Chukwu descansam em frente a cachoeira, sem camisa e em silêncio.

Eles olham para lados diferentes e estão todos cansados.

CHUKWU

Essa água tá muito gelada.

Saint-Hilaire, um pouco afastado, tem alguns calafrios, mas tenta relaxar.

Ele olha para o alto, para a grande queda d'água. Ele sua, e seu semblante apresenta uma mistura de dor e encantamento.

Firmino olha um pássaro que pousa ali perto, e começa a imitar seu canto com um assovio.

O pássaro responde. Firmino e Chukwu riem. Saint-Hilaire também ri, e tem um momento de leveza.

Aos poucos, os três ficam em silêncio novamente.

Saint-Hilaire olha para um lado oposto, enquanto aprecia a paisagem.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Justamente quando mais preciso de distrações, vejo-me cercado de pessoas descontentes. Para mim é um suplício inexprimível achar-me sempre entre esses aborrecidos personagens.

Chukwu olha para Saint-Hilaire. O botanista está de costas para ele e mantém o olhar fixo para frente.

Firmino percebe que Saint-Hilaire está afundado em seus pensamentos. Firmino olha para Chukwu e eles trocam um sorriso um pouco constrangido perante a situação.

CHUKWU

Essa água tá gelada demais.

Firmino levanta-se e se joga na água.

Chukwu deita sobre a pedra e assovia uma canção em volume baixo.

Saint-Hilaire agora olha para Firmino, que nada na lagoa formada pela queda d'água da cachoeira.

O botanista segue tremendo um pouco e suando bastante.

SAINT-HILAIRE

Vamos?

Saint-Hilaire se levanta.

CENA 68 - EXT. CACHOEIRA - MATA FECHADA - ENTARDECER - 1822

Firmino, Chukwu e Saint-Hilaire caminham pela mata, se deslocando com intensidade.

Saint-Hilaire para, se agacha e observa com cuidado o interior de uma toca dentro de uma árvore. Ele cutuca o buraco com um galho, mas nada sai dali.

Saint-Hilaire observa, de longe e entre as árvores, o trabalho dos outros dois.

Chukwu corta alguns galhos, observa o entorno por um instante, e volta a cortar.

Firmino caminha devagar. Ele para de caminhar, ao observar uma árvore que se destaca na parte de cima da queda d'água.

Saint-Hilaire vê que Firmino vai até Chukwu e conversa algo (inaudível) com ele enquanto caminham.

Eles agora sobem por uma pequena trilha, em direção à parte de cima da queda d'água.

Firmino e Chukwu saem da vista de Saint-Hilaire.

Saint-Hilaire caminha até a saída da trilha, e retorna até o rio.

Com fraqueza, ele senta em uma pedra, e contempla a queda d'água.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Uma combinação muito paradoxal de som e silêncio permeia as partes escuras da mata. O som dos insetos é tão alto que é possível escutá-los de longe. Porém nas profundezas da floresta, um silêncio universal parece reinar.

A água da cachoeira, caindo com intensidade, envolta pela mata.

CENA 69 - EXT. GRUTA - ENTARDECER - 1822

Firmino observa uma árvore alta ao lado de Chukwu.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

... Há uma monotonia agitada nessa natureza selvagem, totalmente intocada pelo ser-humano.

Chukwu prova uma castanha.

FIRMINO

É castanheira. Isso aqui foi alguém que plantou aqui, tem muito tempo já.

CHUKWU

Tá cheio dessas aqui na volta.

FIRMINO

Essa terra preta também... Eles ainda devem estar por aqui, em algum lugar.

Firmino fica apreensivo enquanto olha para dentro da mata.

CENA 70 - EXT. CACHOEIRA - ENTARDECER - 1822

Saint-Hilaire olha em direção à lua que já aparece no céu.

Ele usa um cianômetro. É uma espécie de disco com várias colorações, em cujo centro ele coloca o olho para medir a cor do céu.

Pela fresta da madeira da carroça é possível ver parte da cara do gambá morto.

Firmino e Chukwu estão sentados em torno de um monte de madeiras cortadas, organizadas para virarem uma fogueira.

Enquanto conversam, os dois olham para Saint-Hilaire que, tentando se concentrar, se volta pra eles, pedindo silêncio.

Firmino aproxima-se de Saint-Hilaire, que não o vê. Ele para ao seu lado e olha diretamente para o sol que se esconde atrás das nuvens.

Saint-Hilaire o percebe ali, e oferece o cianômetro para que Firmino o utilize.

Firmino não coloca o olho no centro, mas aponta para uma cor que melhor parece representar o céu.

Saint-Hilaire ri, surpreso pela destreza de Firmino, que acompanha o riso.

Eles ficam um tempo em silêncio, olhando a queda d'água.

FIRMINO

Será que não foi o Matias que colocou o gambá na estrada?

Saint-Hilaire faz um sinal, com o dedo em frente a boca.

SAINT-HILAIRE

É importante fazer silêncio para não espantar o espantar o animal.

O francês tem um ar mais debilitado, ele respira pesado e as gotas de suor tomam conta do seu corpo.

Firmino percebe, e então retira-se um pouco para o lado.

Firmino observa a parte de cima da queda d'água, onde há uma gruta.

Nota: O olhar de Firmino para o sol é um espelhamento do momento em que Ana também olha para cima, quando vê os pássaros voando no início do filme.

CENA 71 - INT. GRUTA - ENTARDECER - 1822

Firmino adentra a gruta com cuidado.

Nas paredes não há nada escrito, mas ele vê no chão o resto de uma fogueira que termina de queimar.

Ao lado da fogueira Firmino encontra algumas pequenas cerâmicas de argila, entre elas uma que apresenta a forma de um pequeno pássaro de asas abertas.

Firmino se impressiona com os vestígios.

CENA 72 - EXT. CACHOEIRA - NOITE - 1822

Saint-Hilaire escreve de maneira apressada em seu caderno. O suor escorre por seu rosto, caindo vez por outra nas folhas e manchando a tinta de sua escrita.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

Infelizmente, o grupo não compartilha da minha curiosidade.

Tentam a todo custo me dissuadir de continuar a minha busca. Não à toa, tarda o avanço a chegar a este continente. Firmino deturpa e aumenta os fatos da realidade, em prol de versões fantasiosas. Para homens como ele, tão fortemente inclinados para a imaginação e o sobrenatural, um simples ato contemplativo torna-se um perigo.

Contrastando com a tensão do botanista, Firmino e Chukwu relaxam ao redor da fogueira, na beira do rio. Chukwu oferece um pedaço de assado para Firmino. Eles comem e bebem.

Enquanto o francês escreve, eles conversam entre si.

FIRMINO

Aquele furo no ombro não era de bicho não, foi é de briga. Eu tentei falar pra ele...

CHUKWU

Acho que agora tá no fim. Pra onde tu vai depois que ele for embora dessa região?

FIRMINO

O combinado era acompanhar ele até o final da viagem.

CHUKWU

Acho que não vale mais a pena guiar esse aí... A autorização dele pra andar nessa terra já nem vale mais. Me disseram que ninguém gosta muito desse tipo de viagem que ele faz aqui, acham que é espião.

Firmino e Chukwu riem de tal suposição.

Firmino reflete por um instante enquanto encara as árvores a sua frente, a imagem distorcida pelo calor da fogueira.

FIRMINO

No caminho pra cá vi mesmo um bicho estranho. Era tipo uma ratazana, mas ela tava em cima da árvore, e dava pulo de galho em galho. Mas nem deu pra chegar perto. Devia tá assustada, ainda não tá acostumada com tanta gente passando por aqui...

Um grito agudo corta a noite. Assustado, Saint-Hilaire levanta-se em um sobressalto só para cair desmaiado em seguida.

Firmino e Chukwu, reunidos em volta da carroça onde Saint-

Hilaire está deitado. Os homens são iluminados apenas pelas tochas que carregam.

FIRMINO

Isso foi coisa que ele comeu.

Dentro da carroça, Saint-Hilaire está deitado.

O suor e a febre tomam conta do seu corpo.

SAINT-HILAIRE

Meus olhos...

Chukwu estica a mão e abre as pálpebras do francês. Primeiro a direita depois a esquerda. Ele coloca a tocha para iluminar o rosto do botanista e confirma que seus olhos estão lá.

CHUKWU

Não aconteceu nada contigo, branco.

Saint-Hilaire se contorce na carroça.

Ele tosse bastante, até que expela uma quantidade significativa de sangue.

SAINT-HILAIRE
O manuscrito!

O botanista tateia os cadernos com capa de couro, e se agarra em alguns deles.

CHUKWU
Acho que ele vai morrer antes da gente chegar em qualquer lugar.

Firmino dá um passo para trás, e, um pouco afastado, observa Saint-Hilaire.

Chukwu olha para trás na direção de Firmino.

FIRMINO
Precisava te pedir um favor.

Chukwu suspira e assente com a cabeça.

CENA 73 - EXT. ESTRADA - AMANHECER - 1822

Os primeiros raios de sol atingem o matagal.

Firmino organiza suas coisas em uma pequena bolsa de palha.

Saint-Hilaire, muito suado e cansado, acorda em sua carroça, com um pano na têmpora.

Ele abre os olhos e vê Chukwu caminhando devagar em direção a parte de cima da cachoeira, carregando os burros e deixando para trás a carroça.

Apreensivo, vira-se para Firmino.

SAINT-HILAIRE
Não Firmino, não podem me deixar aqui.

Firmino vira-se para Saint-Hilaire enquanto termina de arrumar as coisas na bolsa.

FIRMINO
Tu já tá melhor. Se quiser, segue ele... Eu vou ficar aqui mais um tempo.

SAINT-HILAIRE
Vocês precisam carregar minhas coisas.

Firmino discorda com um leve balançar de cabeça.

FIRMINO

É que não trabalho mais pra ti.

Saint-Hilaire, ainda fraco, se levanta. Ele coloca a mão no ombro de Firmino e eles se encaram em um ambíguo e misterioso olhar.

Saint-Hilaire desvencilha-se de Firmino e caminha como consegue até um dos burros, segurando o manuscrito. Chukwu diminui a intensidade da caminhada.

Com dificuldade, Saint-Hilaire sobe de maneira desajeitada.

Firmino observa Chukwu se afastando, seguido mais atrás por Saint-Hilaire.

Firmino abre a gola da camisa que está usando.

Ele coloca a bolsa no ombro, e caminha para o outro lado, até desaparecer de vista.

As árvores balançam, sem presença humana.

A carroça de Saint-Hilaire, abandonada.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

O quadro que aqui expus da situação do Brasil, no momento em que esse império proclamou sua independência, mostrará aos habitantes do futuro o ponto de onde partiram para entrar no caminho das melhorias.

Algumas formigas adentram a caixa de madeira, passando ao lado dos pássaros empalhados e de alguns manuscritos.

SAINT-HILAIRE (V.O.)

A natureza é um livro escrito em linguagem cifrada. É preciso saber ler os vestígios. Foi somente a partir deles que pude divulgar as impressões que tive sobre esse perigoso animal tropical.

O som da cachoeira é entremeado pelo distante canto de um pássaro.

CENA 74 - EXT. CACHOEIRA - AMANHECER - 1822

O sol começa a surgir e a iluminar a queda d'água.

A madeira da carroça de Saint-Hilaire, bastante encoberta pela relva, praticamente decomposta e integrada ao ambiente.

CENA 75 - EXT. GRUTA - AMANHECER - 2022

2022. Um homem, o TÉCNICO DA HIDRELÉTRICA, 26 anos, tatuagem de cruz no pescoço, e com o uniforme de uma empresa, observa as batatas na entrada da gruta. Sua aparência lembra um pouco a de Firmino.

Um passarinho pega os pedaços de uma das batatas.

CENA 76 - INT. GRUTA - AMANHECER - 2022

Na gruta ao lado da queda d'água, Ana está deitada com os olhos pesados de sono.

A menina acorda graças ao som de alguns passos que se aproximam.

Os passos ecoam pela gruta. Ana levanta-se rápido e, assustada, ela tenta acender a lanterna, mas já não há bateria.

Parado na entrada caverna, o Técnico da Hidrelétrica a encara.

CENA 77 - EXT. RIACHO / MARGEM DO RIO - DIA - 2022

Beirando o rio, Ana caminha ao lado do homem uniformizado.

A dupla passa ao lado da pequena hidrelétrica, onde uma fina faixa de água escorre para baixo.

TÉCNICO DA HIDRELÉTRICA

Parece que tem muita água, mas tem é nada. Nos tempos bons esse rio tinha margem até o começo das árvores, bem ali.

O homem aponta uma linha de árvores que ficam pelo menos dez metros para além da atual margem.

TÉCNICO DA HIDRELÉTRICA

Do jeito que tá agora, não tá dando conta de produzir energia nem pro pessoal aqui em volta.

ANA

Faz tempo que tá assim?

TÉCNICO DA HIDRELÉTRICA

Não. Na real não sei. Mas o rio não tá bem. Meu avô dizia que foi piorando a cada ano. Parece que uma coisa se quebrou.

Ana olha para o rio e nota a água com um aspecto alaranjado.

Com a visão capturada pelo rio, a menina entra em uma espécie de transe. Suas pernas fraquejam e ela senta em uma pedra.

NOTA: A fala final do técnico da hidrelétrica é um espelhamento da fala de Firmino sobre o rio.

CENA 78 - INT. CASA DE ANA - QUARTO DE ANA - DIA - 2022

Ana dorme profundamente, deitada em seu quarto.

Bertha vela com preocupação o sono de Ana.

Heitor do lado de fora, aparece janela. Ele observa a filha por um instante, antes de sair caminhando novamente.

CENA 79 - EXT. CASA DE ANA - TANQUE - DIA

Bertha separa as roupas de Ana para lavar.

Ela coloca blusas e calças de molho, até que encontra o casaco de Ana.

Bertha, assim como fizera com as demais peças, apalpa os bolsos do casaco para ver se não há nada.

O toque de algo duro dentro do bolso faz Bertha olhar o que há guardado ali.

Bertha retira de dentro do bolso algumas das ameixas colhidas por Ana.

CENA 80 - INT. CASA DE ANA - QUARTO DE ANA - DIA - 2022

Ainda atordoada, Ana acorda aos poucos em seu quarto.

Vagarosamente, a menina gira a cabeça procurando entender em qual local está.

Ana levanta-se e chega até a janela.

Ela olha o pátio da casa, coroadado pela grande árvore.

Embaixo de suas folhas generosas, Bertha aproveita a sombra.

CENA 81 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - ENTARDECER - 2022

Ana está sentada na beirada da porta de entrada de casa.

Ela ouve a conversa de Júnior, Sérgio e Larissa, que estão sentados ao seu lado.

O grupo escuta o áudio de uma voz jovem que sai de um celular.

ÁUDIO CELULAR 4 Olha só isso aqui pi lazada, bem do lado do olho. Olha esse buraco tosco que botaram ali. É pura montagem, fake news. Muito podre, mas enganou os véio tudo e até os policial.

Júnior sorri, um riso que é uma mistura de alívio e tensão.

Larissa dá um zoom na imagem da vaca com os olhos furados.

LARISSA

Eu falei desde o início.

JÚNIOR

Eu que falei. A gente viu ela anteontem e o olho dela tava normal. Né Ana?

Ana demora a responder, até que confirma sutilmente com a cabeça.

JÚNIOR (O.S.)

E o Sérgio achou que era o tio Heitor.

SÉRGIO (O.S.)

Quem falou foi o Lucas.

JÚNIOR (O.S.)

E tu riu.

Ana observa as demais crianças com reserva - ela viu que a vaca tinha sim um olho furado, mas sente que não deve falar.

JÚNIOR (O.S.)

Tá bem. Vamos lá fora?

As crianças correm para pegar suas bicicletas, ao lado de Ana. A menina continua sentada. Júnior se aproxima novamente.

JÚNIOR

Não vai andar com a gente?

ANA

Eu não tenho bicicleta.

JÚNIOR

Te empresto a minha.

ANA

Tenho que ficar em casa.

Júnior e os demais vão para fora de casa com suas bicicletas.

Ana, agora sozinha, levanta-se e começa a caminhar pelo terreno. Um barulho chama sua atenção.

Ana desacelera e fica atenta na alta plantação de milho.

Ela nota que é Luiz, que está adentrando a casa dela por aquela entrada alternativa.

Ele não a vê. Curiosa, Ana segue Luiz à distância, até os fundos da casa, onde ficam as poucas vacas.

CENA 82 - EXT. CASA DE ANA - GALPÃO DOS FUNDOS - DIA - 2022

Ana, agachada sobre uma elevação do terreno, vê Luiz entrar no galpão.

De dentro do galpão ecoa o mugido de uma vaca.

Ana deita sobre a elevação e fica quieta, observando enquanto respira de maneira pesada.

O berro da vaca ecoa pelo campo. O mesmo berro que ocorreu no dia do ataque a vaca premiada.

Ana fecha os olhos de maneira bem apertada, tentando não entrar em choque.

Ana abre os olhos. Saindo do galpão um grupo de quatro homens, entre eles Luiz e Heitor, carregam o corpo da vaca que ganhou o segundo lugar no concurso.

Ana arregala os olhos, enche-se de adrenalina e corre para fora da casa.

CENA 83 - EXT. VILAREJO - DIA - 2022

Ana derrapa, parando sua corrida intensa na frente de Júnior, que está montado em sua bicicleta.

Ana tenta recuperar o fôlego.

ANA

Mataram a nossa vaca! Junto do Luiz!

Júnior fica apreensivo pelo tom do comentário de Ana em frente aos seus amigos. Ele tenta se conter.

JÚNIOR

E o que tem?

ANA

Como assim? Ele matou a vaca. É crime!

JÚNIOR

A vaca é dele. Se é dele não é crime.

Ana fica calada diante da resposta seca de Júnior. Ele se certifica que ninguém está por perto, e se aproxima do ouvido de Ana.

JÚNIOR

(cochichando) É melhor deixar como tá.

Sem dar maior importância para o estado da menina, Júnior sai pedalando e faz uma derrapada com a bicicleta para chamar a atenção de seus amigos.

CENA 84 - INT. GINÁSIO - DIA - 2022

No centro comunitário, Ana observa desolada os demais moradores comendo churrasco. O prato da menina tem somente um pedaço de cuca ainda inteiro.

Miro vai até o bar e espera ser atendido.

Ele olha para o lado, onde os moradores estão sentados, conversando entre si, enquanto seguem comendo e conversando. Miro percebe que está sendo ignorado, desiste e se encaminha para o centro do ginásio onde está a estrutura do teatro.

Alguns moradores riem da situação. Eles falam sobre a lenda do Thiltapes, uma "história que já se conta há muito tempo"

(improvisado).

Ana observa as histórias dos moradores e a maneira como o pássaro é tratado na memória das pessoas, de forma leve, como uma brincadeira.

A menina vê quando Miro junta-se a Teresa e Neni, e eles começam a levar a estrutura da peça para o baú da Pick-up, estacionada do lado de fora.

Ela se levanta e vai até Bertha, que joga cartas com um grupo de senhoras idosas.

ANA

Não vai ter apresentação?

BERTHA

Não. Que pena né?

ANA

Por quê?

BERTHA

Não sei. Decidiram ir embora. Agora o ginásio vai ficar como era antes.

Bertha fala com um certo pesar, mas não consegue disfarçar o alívio.

Ana observa a calma da pequena comunidade que está naquele lugar:

Júnior, do outro lado do ginásio, joga futebol com os amigos.

Bertha joga cartas, tranquila.

Heitor compartilha a mesa com Luiz. Ambos estão em um pequeno grupo de homens, mas mantêm uma certa distância entre si.

Eles tomam cerveja.

MORADOR 1

Uma carne por um olho!

O clima entre os homens da mesa é jocoso.

Luiz e Heitor se olham brevemente.

MORADOR 2

Ah é. Se a gente sempre resolvesse assim os problema tudo...

Luiz e as outras pessoas da mesa riem.

Heitor se esforça para esboçar o menor dos sorrisos.

Além de ambos, estão também os dois policiais que investigavam o caso da vaca.

Ana observa o momento em que o Thiltapes cenográfico é desmontado e levado para o lado de fora.

Ela se levanta e discretamente vai naquela direção, mas, no caminho, é interpelada por Júnior.

JÚNIOR

Eu já vi! Não é nada demais. É só um bicho de pano. Fica aqui com a gente!

Ana, ao lado de Júnior e dos amigos, percebe quando Miro e Teresa colocam o Thiltapes no fundo do baú de carga, enquanto Neni organiza ali as diversas estruturas do teatro.

CENA 85 - INT. GINÁSIO - ENTARDECER - 2022

No interior do ginásio, as mesas já são marcadas pela luz amarelada do sol em um fim de tarde.

Um pequeno grupo ainda está reunido em torno de uma mesa de plástico.

Heitor, um pouco distanciado, observa as ações de um ginásio mais calmo: um grupo conversando; outro grupo jogando cartas; o homem na copa que assiste televisão.

Ele vê que faltam ser retiradas somente as últimas estruturas de ferro que formavam o palco do teatro.

Heitor suspira. Levanta-se e se dirige até a porta.

CENA 86 - EXT. GINÁSIO - GRAMADO - ENTARDECER - 2022

Heitor sai do ginásio. Ao fundo, o grupo de teatro está terminando de organizar a Pick-up.

Ele olha o grupo. Enquanto Miro e Neni seguem organizando a Pick-up, Teresa devolve a Heitor um olhar firme.

Heitor segue caminhando em uma subida. No trajeto, ele passa por um grupo que conversa na beira da estrada, por uma família sentada em cadeiras de praia na frente de casa, e por uma senhora que caminha solitária.

Ao chegar em uma parte mais elevada, Heitor olha para trás.

Ele encara o ginásio, a igreja, os moradores. O horizonte limitado pelos morros. A calma e o tédio do vilarejo.

CENA 87 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - ENTARDECER - 2022

Bertha está sentada em um pequeno banco à sombra da grande árvore do pátio, observando os morros que cercam a casa.

Ana junta-se a avó, em silêncio. Elas escutam o programa do homem que fala sobre os pássaros. Ele emite o canto do Urutau.

LOCUTOR (V.O.)

O Urutau aparece nas horas tristes.

Ele embala a tristeza de quem lhe ouve com seu canto melancólico e profético. Vamos escutá-lo mais um pouco.

Com o comentário, Bertha faz um gesto de surpresa para Ana.

Elas riem. Ana e Bertha apreciam o canto do Urutau.

BERTHA

Teu vô dizia que quando um desses passa voando na frente da plantação, daí a coisa vai ficar boa.

Ana acha engraçado o comentário da avó.

O som do canto de um outro passarinho junta-se ao som do Urutau.

Ana olha para cima, em direção aos galhos da árvore.

Com atenção, a menina olha um pequeno pássaro, que voa em meio aos galhos.

Ele pousa sobre a árvore, mas o som do motor de um veículo se aproxima, roubando a atenção de Ana.

Na frente de casa, começa a passar devagar a pequena Pick-up do grupo de teatro.

Ana vai até a rua, e corre atrás da velha Pick-up.

NOTA: A fala de Bertha sobre o Urutau, é a mesma da peça de teatro do início do filme.

CENA 88 - EXT. ESTRADA - ENTARDECER - 2022

A Pick-up segue em movimento na estrada de chão.

Ainda correndo, Ana consegue ver a forma frontal do Thiltapes, o pássaro cenográfico, pela primeira vez.

Começa a tocar o Prelúdio das Bachianas Brasileiras Nº4, de Heitor Villa-Lobos.

O rosto do Thiltapes, improvisado com alguns panos costurados, é um pouco caído e deformado - como se mostrá-lo de frente não fosse exatamente a intenção. Ainda assim, é um rosto bastante expressivo.

A Pick-up vai se afastando de Ana.

CENA 89 - INT. GINÁSIO - ENTARDECER - 2022

Um homem guarda as mesas do ginásio.

Ele para por um instante e olha para o local onde antes estava a estrutura do teatro, agora vazio.

Outros poucos moradores que ainda estão ali, também olham fixamente para o vazio no centro do ginásio.

CENA 90 - EXT. CACHOEIRA - DIA - 2022

As águas da cachoeira caem.

CENA 91 - EXT. CASA GRANDE - QUINTAL - DIA - 2022

As águas do riacho que cortam o terreno passam ao lado das vacas. As vacas matam a sede na água do rio.

A grande casa é vista de longe, fechada.

CENA 92 - EXT. CASA DE ANA - PÁTIO - DIA - 2022

Bertha se levanta, e caminha devagar, para tentar enxergar a neta do lado de fora.

Bertha é observada pelo passarinho que havia pousado em cima da árvore.

O pássaro é pequeno e inofensivo. Mas há nele um estranho detalhe: sua cabeça parece com a de um mamífero, como um pequeno rato.

O animal faz rápidos movimentos com a cabeça, até que sai voando.

CENA 93 - EXT. VILAREJO - DIA - 2022

Ana já parou de correr.

A pequena Pick-up, carregando o Thiltapes cenográfico, se afasta até descer um morro.

Abaixo do morro, na direção onde o veículo desceu, há uma planície, onde pode-se ver um amplo horizonte e uma grande cidade.

O mistério no rosto de Ana. Ela suspira. Olha para a cidade e para os morros a sua volta, mas olha mesmo para dentro de si.

FIM

(c) Germano de Oliveira, Igor Verde e Marcela Bordin, 2022-2024
Vulcana Cinema

<https://www.casacinepoa.com.br>